

ILUSTRAÇÃO



3.º ANO
NÚMERO 69

Lisboa. 1 de Novembro de 1928

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4\$00

Urotropina efervescente

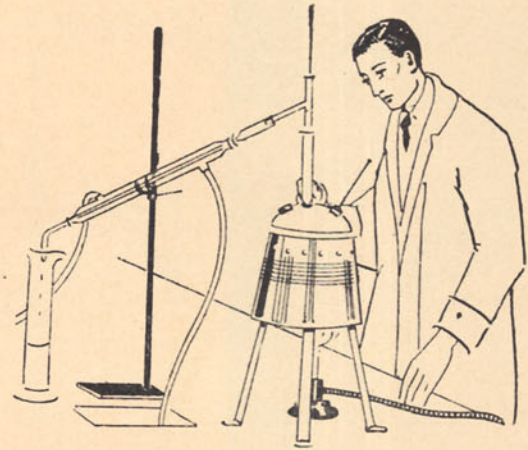
Schering



DE SABOR EXCELENTE DE INEXCEDIVEL EFICÁCIA

A Urotropina efervescente Schering é manipulada sob a base da Urotropina original Schering, que tem sido comprovada por uma experiência clínica de 30 anos como um medicamento preventivo e curativo o mais poderoso contra as doenças infecciosas, especialmente das vias urinárias, biliares e intestinais. A Urotropina efervescente Schering é uma bebida extremamente agradável e um medicamento sob todos os pontos eficaz.

OUTROS TEMPOS... OUTROS PROCESSOS...



A LUBRIFICAÇÃO MODERNA

A INDUSTRIA DOS OLEOS TEM SOFRIDO TÃO ATURADOS ESTUDOS E EXPERIÊNCIAS QUE SE CHEGOU HOJE A PERFEIÇÃO EM MATERIA DE LUBRIFICAÇÃO. NÃO BASTA QUE UM OLEO LUBRIFIQUE, É INDISPENSÁVEL QUE MANTENHA, MESMO DEPOIS DE AQUECIDO (PELA FRICÇÃO) A ELEVADAS TEMPERATURAS, TODAS AS SUAS CARACTERÍSTICAS A FIM DE QUE TODAS AS PARTES ONDE HAJA ATRICTO CONTINUEM A SER BEM LUBRIFICADAS E PROTEGIDAS

CONSULTE A TABELA DE

LUBRIFICANTES SHELL

**E FICARÁ SABENDO QUAL O OLEO
QUE CONVEM PARA O SEU CARRO**

**(A GAZOLINA SHELL)
E OS OLEOS SHELL**

**FORMAM O CONJUNTO IDEAL PARA O SEU
AUTOMÓVEL**

THE LISBON COAL & OIL FUEL CO. L^{TD}

RUA DO CRUCIFIXO, 49 — LISBOA

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 246 — PORTO



MAQUINAS PARA ORGANIZAÇÕES COMERCIAIS E ADMINISTRATIVAS.

PARA ENDEREÇAR JORNAIS, REVISTAS, ENVELOPES, CARTAS, ETC.

VISITEM A MINHA EXPOSIÇÃO

Calçada do Carmo, 10
Rua 1.º Dezembro, 60

J. GONÇALVES
Telefone T. 4190



Modelo III



Modelo IV

O GRAMOFONE «ELEKTROFON»

é vendido ao publico sem intermediario sendo por esta razão os seus preços sem competencia

PREÇOS:

- Modelo I, electrico, tamanho 86×105×50 cm. Esc. 4.000,00
- Modelo II, electrico, redondo, 95×60 cm. . . . Esc. 3.000,00
- Modelo III, de sala, com mola dupla, tamanho 105×48×48 cm. Esc. 1.400,00
- Modelo IV, de sala, tamanho 34×40×40 cm. . . . Esc. 600,00
- Modelo V, de sala identico ao modelo IV, mas sem tampa Esc. 500,00

Todas as caixas são de mogno polido de primeira qualidade

AGENCIA TECNICA ALEMÃ, L.^{DA}
LISBOA—Rua da Madalena, 213/217

MAGAZINE

BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

VEJAM O NÚMERO DE NOVEMBRO

Grupfix

A COLA IDEAL

ACEIO—ECONOMIA—RAPIDEZ

Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação Preço 12\$00

Únicos representantes para Portugal e Colónias

AILLAUD, LIMITADA
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

NYTHIS

Parfume de

GELLÉ FRÈRES

PARIS



ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
AGUA DE COLONIA
SABONETE

Vende-se em todas as boas Casas
Agentes gerais STEITEN 119, R. da Madalena 217, LISBOA

o reverso... dos banquetes!

AF. CARLU *criação*

"SAL de FRUCTA"
ENO
"FRUIT SALT"

Ides expôr-vos á fadiga duma lauta refeição, com pratos complicados? A vossa vida expõe-vos frequentemente a essas refeições esmeradas? Nesse caso defendei-vos mantendo uma perfeita hygiene digestiva para o que basta tomar, de manhã e á noite, uma colher, das de Eno's "Fruit Salt" num copo de agua.

Eno é uma preparação salina, efervescente, suavemente laxativa, unica - em todo o mundo - para ajudar o estomago nas suas funções, estimular o figado e intestinos, evitando todas as perturbações que a digestão possa originar.

Exigi sempre a marca ENO'S "FRUIT SALT"

As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno" são marcas da fabrica registadas.

Depositaros em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA

LUZ E ARRANQUE
BOSCH



Os elementos que constituem o Equipamento da Luz são construídos com rigorosos cuidados, garantindo um funcionamento isento de cuidados.

REPRESENTANTE:
Escritório Técnico Roberto Cudell
PORTO—Passos Manoel, 41



«**HIS MASTER'S VOICE**»

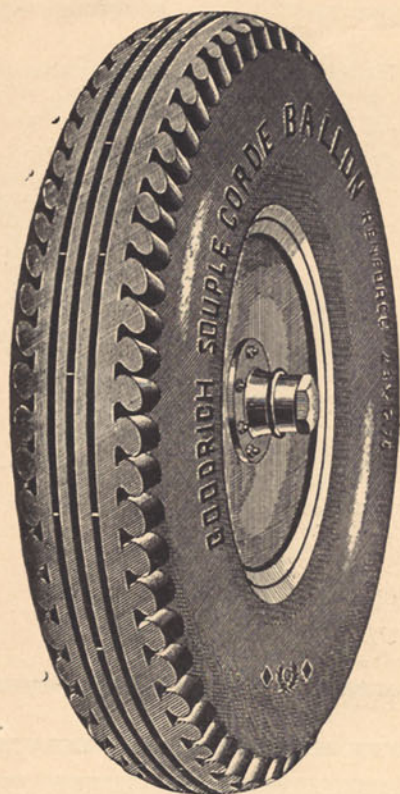
OS UNICOS DISCOS, EM QUE SE ENCONTRAM
♦ ♦ **OS MELHORES ARTISTAS MUNDIAIS** ♦ ♦

AGENCIA GERAL:

GRANDE BAZAR DO PORTO, L.^{DA}

150, Rua Augusta
LISBOA

192, Rua de Santa Catarina
PORTO



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS
RESISTENTE E DE
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, P. Duque da Terceira
LISBOA

59, Avenida dos Aliados
PORTO

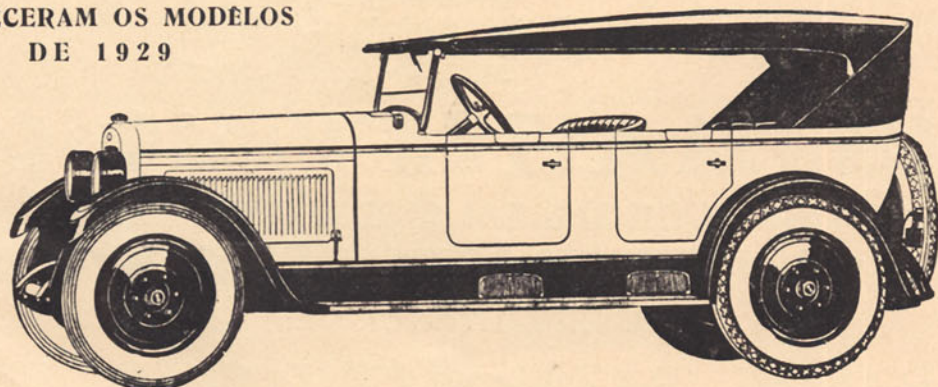
OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

AUTOMOVEIS

DIVERSOS TIPOS

O CARRO UTILITÁRIO

APARECERAM OS MODELOS
DE 1929



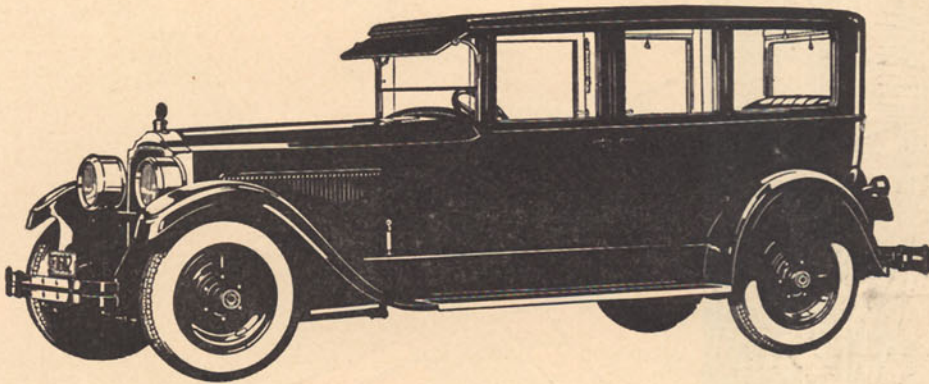
AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO

Packard

SÓ FABRICA CARROS DE 8 CILINDROS CHASSIS CURTO
O MAIS ELEGANTE DOS CARROS CHASSIS LONGO



MODELOS 1929 JÁ A VENDA



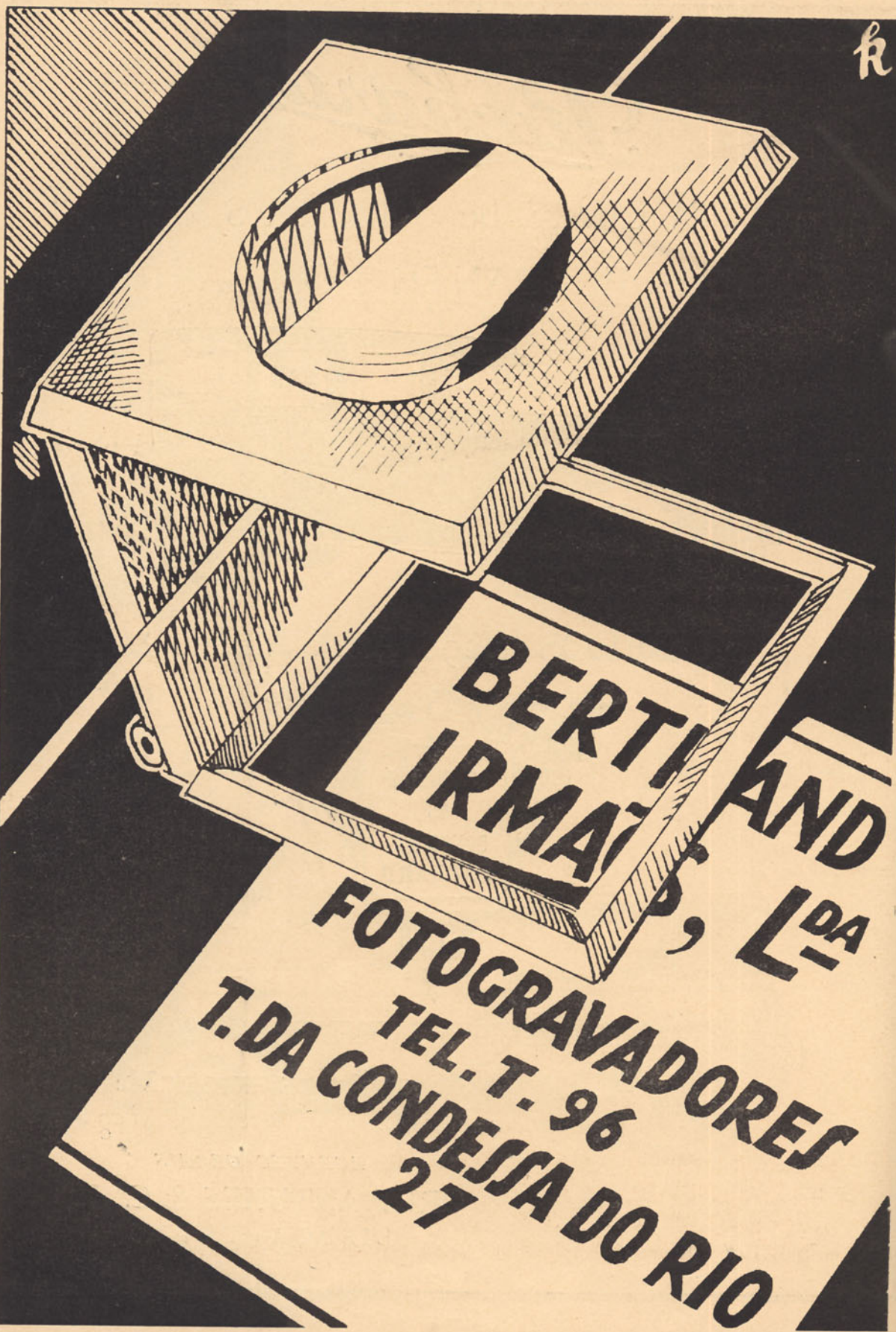
PEDIR INFORMAÇÕES E VISITAR O NOSSO

SALÃO DE EXPOSIÇÃO:
4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.^A L.^{DA}
LISBOA — PORTO

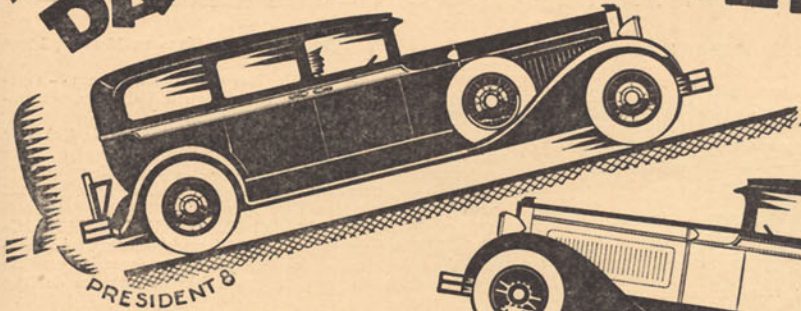
R



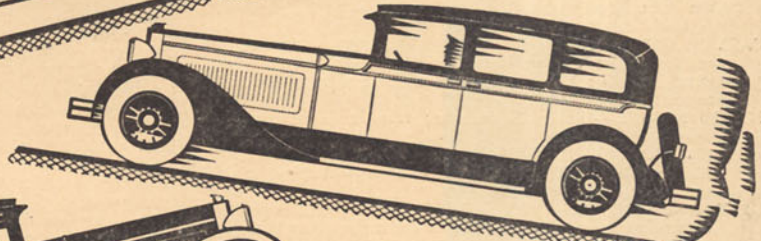
BERTI IRMÃOS, L. DA

FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
T. DA CONDESSA DO RIO
27

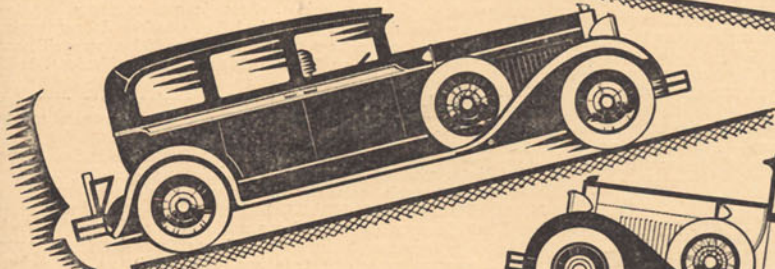
QUATRO NOVOS CAMPEÕES DA RAÇA STUDEBAKER.



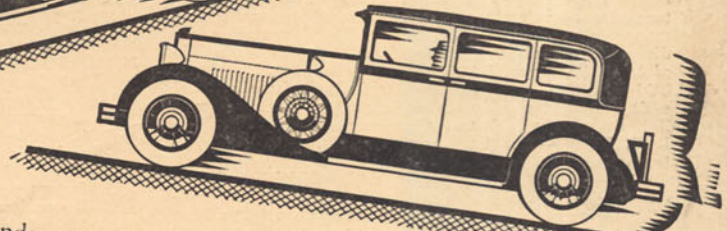
PRESIDENT 8



COMMANDER



DIRECTOR



ERSKINE SIX

O sumptuoso carro Presidente 8 cilindros-em-linha, o Comandante, campeão jamais vendido, e o gracioso Director, os tres detentores dos mais importantes records americanos em carros de série, fôram dotados pela Studebaker com requintadas inovações mecânicas que lhe asseguram um conforto inigualavel: o emprego — exclusivo da Studebaker — de rolamentos de esferas na montagem dos seus brincos, amortecedores hydraulicos, etc. O elegante Erskine Six tornou-se maior e ainda mais belo. Aperfeiçoamentos taes como: novos travões, amortecedores hydraulicos, um novo e maior radiador, mais força, etc., asseguram-lhe, sem contestação, o primeiro logar entre os carros ligeiros de grande luxo.

N'esta escala de carros maravilhosamente construidos encontrareis seguramente o carro vencedor, cuja força e velocidade satisfarão completamente as vossas exigencias e o vosso bom gosto. Cada um d'elles domina a categoria a que pertence pelas suas qualidades e pela sua beleza.

Vinde aos nossos Salões experimentar uma das novas obras-primas da casa Studebaker.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

LISBOA : Rua do Crucifixo, 55 a 59.
Unicos representantes para Portugal :

C. SANTOS, LDA.

PORTO : Praça da Liberdade, Edificio da Nacional

N. S. E. 91



STUDEBAKER



O SALÃO DE OUTONO

DA ELEGANCIA FEMININA E ARTES DECORATIVAS

Promovido pela grande
— revista feminina — «VOGA»

VAI ABRIR EM 3 DE NOVEMBRO

20 DIAS DE FESTAS PERMANENTES

Sob o alto patrocínio da SOCIEDADE NACIONAL
DE BELAS ARTES e nos suntuosos salões desta
— — — — illustre colectividade — — — —

Serão expositoras as seguintes casas:

- ALINE perfumes e produtos de beleza.— RUE DE LA PAIX — PARIS — que apresentará um maravilhoso «Stand» decorado por Roberto Nobre.
- «COLUMBIA» a marca de fama mundial em discos e gramofones. — Representante: P. Santos & C.^a — CHIADO — que exporá um formidável aparelho amplificador — o Electrofone. («Stand» de Martins Baratas).
- CASA FRANCISCO ANTÓNIO MOREIRA, LTD.^a — Decoradores modernos. — Largo de S. Julião, que vão executar um «Stand» de fino gosto, expondo também os seus originalíssimos papeis pintados.
- MÁRIO NOVAIS — Fotógrafo de arte; retratos de senhoras e crianças.
- «STUDIO» G. L. MANUEL FRÈRES, PHOTO D'ART HENRI MANUEL e FASHION PHOTOS — PARIS — Fotógrafos de modas.
- BASTOS SILVA, LTD.^a e PARIS-CHIADO, verdadeiros «azes» do elegantíssimo comércio de malas de senhora, carteiras e novidades «chics».
- SASSETTI & C.^a — Uma firma de nomeada que exporá maravilhas em pianos e edições musicais artísticas («Stand» de Stuart).
- GRANDE BAZAR DO PORTO, LTD.^a — RUA DE SANTA CATARINA, 112, PORTO — RUA AUGUSTA, 100 — LISBOA — Conceituadíssimos representantes em Portugal da celeberrima marca de supremacia His Master's Voice, gramofones e discos que conquistaram a celebridade. («Stand» original do pintor russo Emanuel Altberg).
- «WILLYS KNIGHT» — Marca de automóveis de fama mundial e de elegância requintada; célebres pela beleza das suas linhas e excelência de motor, representados por H. QUEIROZ, LTD.^a — RUA BRAMCAMP — LISBOA. («Stand» de Roberto Santos).
- SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CALÇADO «ÉLITE», criadora de modelos da maior originalidade e finíssimo gosto elegante, à venda nas melhores sapatarias do país. («Stand» de Roberto Santos).
- TATÁ — Chapelier en vogue — RUA DE S. NICOLAU — Uma firma que conquistou a celebridade entre as suas congéneres; criadores de chapéus de senhoras. («Stand» de António Soares).
- FRIGIDAIRE — Os sensacionalíssimos aparelhos de grande luxo e elegância e da maior eficácia para a conservação de doces, alimentos, etc.; apresentados pelos seus representantes DINIZ M. ALMEIDA — «Stand» Buick — AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA.
- THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE COMPANY LIMITED — (Lisboa e Porto) apresentarão um magnífico «stand» de BOTELHO, instalarão telefones em todos os «stands» do Salão e CABINES TELEFÓNICAS GRATUITAS para uso de todos os frequentadores das nossas festas de arte, dando assim ao Salão uma inapreciável cooperação.
- WALKEN — O fotógrafo artista das mais belas senhoras de Espanha.
- SIMÕES & C.^a, LTD.^a — Os grandes industriais de malhas, meias de seda e fio de Escóssia, fábricas sem rival na Península Ibérica, produzindo melhor e mais barato do que todas as manufacturas mundiais. Um prodígio da indústria portuguesa. («Stand» de Roberto Santos).
- COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA — Vidros artísticos da mais requintada estilização, rivalizando com os mais afamados produtos congéneres do estrangeiro.
- CASA CHINESA — A mais acreditada casa do género no país; chá, café, loiças e serviços de arte chinesa, curiosidades. — Criadora do «Chá Voga». («Stand» sensacional de António Soares).
- ROYAL BAKING POWDER C.^a, a maravilha da doçaria. GILLETTE SAFETY RAZOR C.^a, as máquinas ideais de barbear, dois artigos expostos pelos seus representantes em Portugal e Colónias, srs. JOÃO MACHADO DA CONCEIÇÃO & C.^a, LTD.^a — RUA DA CONCEIÇÃO — LISBOA. («Stand» de Cunha Barros e Emmerico Nunes).
- ACH. BRITO — Célebres perfumistas-fabricantes do Porto. Marcas de perfumes e sabonetes de formidável reputação. Criadores das marcas de sabonetes Spuma — Rondo — Parma — Gloriat — Model — Odora — Luxo — Banho — Floréla — Crème Nevada, etc. Água de Colónia Floréla. — («Stand»

- de Amílcar Pinto). Agentes gerais JÚLIO DE MACEDO, LTD.^a — RUA DE S. NICOLAU, 23, 1.^o — LISBOA.
- JOJO ANJOS — Famosa casa da Rua do Mundo, 121-123 — especializada em condecorações, esmaltes, medalhas comemorativas e religiosas, insígnias de automóveis.
- SANTOS & JÚLIO, LTD.^a, afamadíssimos criadores de Robes & Mantoux, dernier cri, exhibirão os seus suntuosos modelos que acabam de adquirir em Paris em magníficos desfiles cheios de arte, marcando um lugar de relevo inconfundível entre os seus concorrentes.
- SOCIEDADE PORTUGUESA DE CONSTRUÇÕES MECÂNICAS, LTD.^a, que apresentará formosíssimos mobiliários metálicos de grande elegância e subida fantasia, orgulho legítimo da indústria portuguesa. Lindos «stands» de Ruy Roque Gameiro
- JÚLIO GOMES FERREIRA & C.^a, LTD.^a, os grandes comerciantes de candieiros, electricidade, trabalhos de canalizações e de instalações, novidades de luxo, casas de banho, loiças e vidros artísticos, obras de arte moderna, tapetes e carpetes de luxo, os mais belos «stocks» da península, uma casa que marca o seu triunfo sobre todas, maravilhosos estabelecimentos na RUA DO OURO e RUA DA VITÓRIA, 82-88 — LISBOA.
- PIANOS F. I. P. — Oferecem ao Salão o piano para uma das suas orquestras, por intermédio dos seus representantes «Liquidadora das Chagas, Ltd.^a».
- RÁDIO-LISBOA, a conhecida casa técnica semfilista da Rua Serpa Pinto, montará magníficos ampliadores e haut-parleurs que surpreenderão pela novidade e perfeição extrema.
- MERCADO INTERNACIONAL EM LISBOA — Os grandes estabelecimentos de novidades e utilidades de «ménages», serviços e baixelas, artigos de deliciosas fantasias, de PAULO FERREIRA, na RUA DA TRINDADE e RUA DA PALMA, comerciantes de destaque em artigos de luxo e arte, exporá os seus mais belos artigos. («Stand» de Emanuel Altberg).
- FÁBRICA DOS TAPÊTES DE BEIRIZ, afamadíssima manufactura portuguesa dos mais belos tapetes do mundo, orgulho nacional, dirigida pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Hilda Brandão de Miranda e Sr. Carlos de Miranda; magnífica exposição de novos tipos de tapetes e «carpettes», destinada a um retumbante successo, num formoso «stand» e cooperando na linda decoração geral do Palácio.
- «DUCO», DUPONT, tintas de esmalte, a frio, para o «ménage», representadas pela conceituada firma Bethencourt, Bros. Ltd.^a, Praça do Município, 12 e 13.
- PASTELARIA FERRARI — A afamadíssima casa, a mais aristocrática e elegante do país no seu género, fornecerá, primorosamente, como é seu apanágio e tradição, os delicados chás das cinco dançantes e o buffet durante as soirées elegantes, pondo à venda o «Chá Voga».
- ANTÓNIO BURGUEITE LTD.^a — Engenheiros — Exporá as suas famosíssimas geleiras e frigoríficos Kelvinator, magníficos aparelhos domésticos de sensação, Toilectro, acumuladores Japy, etc.
- MADAME VALE — A grande artista criadora de modas, fino temperamento de modelista, fará desfilar, em espectáculos surpreendentes, os seus elegantes modelos vivos, suntuosamente alaviados.
- CASTELLO LOPES LTD.^a — Famosos especialistas em cinematografia e montagens eléctricas, montarão potentes projectores que abrillantarão os espectáculos e desfiles dos modelos.
- COMPANHIAS REUNIDAS DO GAS E ELECTRICIDADE — Serão os mais brilhantes cooperadores, coadjuvando os expositores na exhibição de maravilhosas iluminações e efeitos eléctricos, além de instalarem a sua cosinha ideal a gás, decorada por Albert Jourdain.

SUMPTUOSAS DECORAÇÕES

O Salão de Chás Elegantes, onde tocará continuamente uma orquestra-jazz de extraordinário mérito, a «Voga Melody Bands», será decorado pelos reis dos decoradores lisboetas, CASA FRANCISCO ANTÓNIO MOREIRA LTD.^a, do largo de S. Julião.

As pinturas e decorações a outro serão executadas sob a direcção de J. M. DA SILVA SOARES, especialista em pinturas a Duco, sendo os vernizes e tintas de ouro, de esmalte, a frio, bem como a especial aparelhagem, fornecidos gentilmente pela afamada casa Bethencourt Bros. Limited, Praça do Município, 12 e 13. «Abat-jours» e «plafonniers» da Companhia Industrial Portuguesa.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Provisão)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOÃO DA CUNHA DE BÇA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

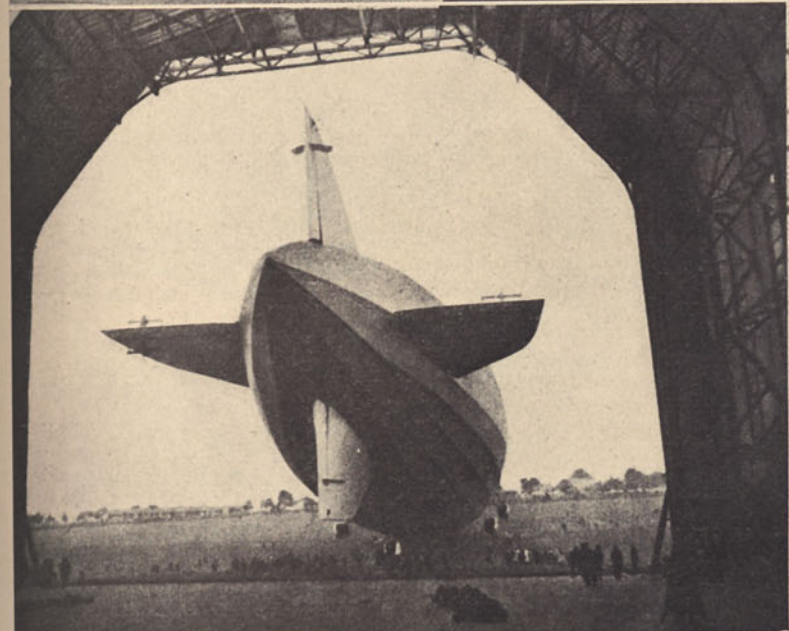
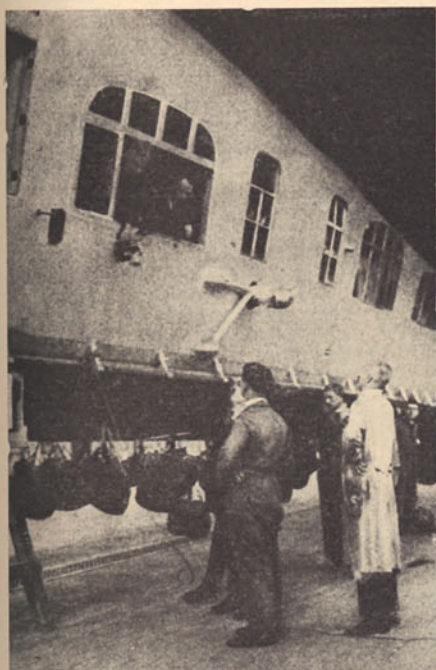
PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:
AILLAUD, L.^{DA}
R. Garrett, 73, 75—Lisbon
ADMINISTRAÇÃO
Rua Anchieta, 25
Telef. C. 1084

ANO 3.º — NÚMERO 69

1 DE NOVEMBRO DE 1928

O "RAID" TRANSOCEÂNICO DO "CONDE ZEPPELIN"



O ÚLTIMO GRANDE ACONTECIMENTO MUNDIAL FOI, SEM DÚVIDA, A VIAGEM DE BERLIM A NOVA YORK LEVADA A EFEITO PELO MAIOR DIRIGÍVEL DO MUNDO, O «CONDE DE ZEPPELIN». AS NOSSAS FOTOS, EXCLUSIVAMENTE OBTIDAS PARA A «ILUSTRAÇÃO», REPRESENTAM: *Em cima, à esquerda:* Os últimos momentos em contacto com a terra. *À janela:* O DR. ECKENER, COMANDANTE DO DIRIGÍVEL. *À esquerda e em baixo:* O DIRIGÍVEL GIGANTE SAÍDO DO SEU «HANGAR» EM FRIEDRICHSHAFEN. *À direita:* O «CONDE ZEPPELIN» VOANDO SÔBRE A CIDADE DE BERLIM

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE, participa do Salão da "Voga" com um formoso "stand", uma central privativa, cabines públicas e telefones em todos os "stands,,

CRÓNICA DA QUINZENA

Da última reunião da Assembléa da Sociedade das Nações nada safu de sensacional. De valor, como sempre, os trabalhos das várias comissões — económicas, jurídicas, financeiras, de hygiene, de cooperação intelectual, etc., — mas, são trabalhos de grande fôlego, perseguidos em silêncio, não se prestando a ser apregoados a toques de bombo, trabalhos que o público não pode acompanhar passo a passo, e que, por isso, aprecia mediocrementemente. A questão do desarmamento, essa, sim, af está uma coisa que o público comprehende, ou julga comprehender. Mas, essa, não deu um passo, e difficil será que o dê. É que ninguém quer ser o primeiro. No interior dos Estados a coisa fez-se, se bem que não tenha sido logo à primeira: — as cidades, as províncias, os indivíduos, só deixaram de andar armados, quando o poder central tomou a seu cargo, decididamente, a defesa da propriedade e segurança dos cidadãos.

Onde está, entre as nações, na situação presente do mundo, esse poder central?

Sem dúvida, todos os povos sofrem com o péso, sempre crescente, dos armamentos: sem dúvida, todos eles dão mostras das melhores intenções: mas, quem se abalança a ser o primeiro a desarmar? — Ao notar a desconfiança mútua que transparece nas atitudes, a despeito das intenções manifestadas, um pessimista azêdo, lembraria, porventura, aquella *boutade* de Afonso Karr, a propósito da abolição da pena de morte: «*que mes-sieurs les assassins commencent!*»

Eu supponho, antes, que o que faz com que nenhuma nação, e, particularmente, nenhuma das grandes potências queira ser a primeira a dar o passo decisivo no sentido do desarmamento, é um melindre de cortezia. Com effeito, todos nós sabemos que, no trato entre nações, a polidês, mais ainda do que entre indivíduos, é uma norma rigorosa, por tradição e por necessidade.

Quantas vezes não temos visto, por ocasião de qualquer incidente entre nações vizinhas, os cidadãos de cada uma delas desentranharem-se em invectivas contra a outra, ao mesmo passo que os respectivos governos trocam entre si as notas mais atenciosas, manifestando o mais profundo pesar pelo incidente produzido, e assegurando, mais uma vez, os sentimentos de sincera estima existentes entre os dois povos. Supponho, pois, ser um nimio escrúpulo de delicadeza que impede qualquer dos grandes Estados de dar o primeiro passo. Não o dizem, mas é como se dissessem: «*après vous, monsieur*»; — «*ah! non, monsieur, après vous*».

Nestas condições, parece-me bem difficil que o problema dos armamentos adiante alguma coisa: a não ser que um invento imprevisível venha torná-los completamente inúteis, à semelhança do que aconteceu nos fins da idade-média. Quando armaduras e máquinas de guerra tinham chegado ao máximo de complicação, a invenção da pólvora (ou, pelo menos, o seu emprêgo como meio de destruição) veio, de chofre, relegá-las à

categoria de objectos decorativos, dando por finda a missão da nobreza medieval. Ia ruir, com ela, tóda a estrutura social: podiam vir, agora, os obreiros do mundo novo.

A final, o caso do jornalista americano Horan, expulso da França por se ter apoderado, e feito uso, de um documento secreto do Ministério dos Negócios Estrangeiros, referente ao acôrdo naval franco-inglês, ficou reduzido às proporções de um simples *jait-divers*. Apurou-se, até agora, que o sr. Hearst, milionário, proprietário de várias emprêzas jornalísticas, tem um *curriculum vitae* assás turvo; que elle pagou ao jornalista Horan para que êste conseguisse obter à mão o supra mencionado documento; que, de facto, Horan, a trôco de alguns milhares de dollares, o conseguiu por intermédio de um jôvem *reporter* parisiense; e que, por sua vez, êste o obteve das mãos de um, igualmente jôvem, funcionário do Ministério dos Estrangeiros. Se êste último andou de boa fé, saber-se há, visto que a justiça franceza entendeu intervir no caso.

Seja como fôr, o que parece verificar-se é que, em certos países da Europa, os documentos secretos da diplomacia encontram-se extranhamente guardados. Tem-se o máximo cuidado de tapar tódas as fendas para que não transpire uma palavra, sequer, do segredo das chancelarias, e deixa-se mal fechado um postigo por onde se escôa um documento inteiro.

Depois, que falta de psicologia: confiar a guarda de um documento secreto a um homem moço! O jornalista Horan (se não foi, antes, o próprio sr. Hearst) revelou-se muito melhor psicólogo: serviu-se de um mancebo para lhe obter o documento cubigado. Para o obter, está certo, para guardá-lo, não.

E, a propósito da psicologia das idades: tivemos esta quinzena a reabertura das aulas na maior parte dos estabelecimentos de ensino. Regressaram as famílias; Lisboa retomou a sua fisionomia habitual.

Em todos os países, nuns, com mais rigor, noutros, com menos, conforme a força de tradição e a intensidade da vida escolar, a reabertura das aulas realiza-se com sessões solenes em que se dão as boas vindas aos novos cursos, lê-se o relatório da actividade do respectivo estabelecimento durante o ano de-

corrido, memoram-se os mortos, e uma individualidade eminente do mundo da sciência, ou das letras, ou alguém da casa, faz uma pequena palestra sôbre uma questão da actualidade relativa à educação. Nalguns estabelecimentos, mesmo, — nas universidades americanas, isso é corrente, — o reitor recebe os «*novatos*» no seu gabinete, dirige-lhes palavras animadoras, dá-lhes os conselhos que julga necessários, e põe-se à disposição de todos para lhes aplanar as difficuldades que possam encontrar na carreira escolar. Procura-se prevenir a desconfiança mútua entre professores e alunos, tão frequente noutros países, e que o trato quotidiano, em vez de atenuar, converte em surda hostilidade. As escolas portuguezas, sem excluir as superiores, são um exemplo típico dêste deplorável fenómeno pedagógico. Raro é aquella em que os professores sabem fazer-se estimar dos seus alunos, sem quebra de respeito.

Estas práticas tradicionais da reabertura solene das aulas bom é que se perpetuem, e, até, que se avigorem. O ponto é que as pessoas que nelas colaboram tenham o sentimento nítido das suas responsabilidades, a consciência dos seus deveres para com as almas que lhes foram confiadas. Pais, professores, ministros da Instrução, não sei como podem abeirar-se, sem angústia, dêste problema tremendo: «*que vamos nós fazer da nova geração?*» A maior parte, dogmáticos ferozes, sectários da direita ou da esquerda, tendo um sistema encasquetado, manuseiam a alma da criança com mãos pesadas de cavador, e forcejam por moldá-la nas fôrmas rígidas dos seus sistemas. Insensatos, não vêem que, por êste processo, só podem formar hipócritas ou revoltados.

Não sei que escritor alemão afirmou ter encontrado o seguinte ritmo na successão das gerações: a uma geração «*sovada*» sucede uma geração «*animada*»; a esta, uma geração «*sovada*», e assim, por diante, alternadamente. Pondo de parte a simplificação exagerada do problema — outros factores, as novas invenções, por exemplo, intervêm no fenómeno do *contraste das gerações* successivas, — não deixa de haver um fundo de verdade na pitoresca teoria do escritor alemão. É um facto verificado que tóda a educação demasiadamente accentuada num sentido determinado dá origem a uma geração orientada em sentido inteiramente oposto.

A melhor educação é aquella que o jardineiro dá às suas plantas. Nem pancada, nem mimos; rodeá-las dos cuidados indispensáveis na infância, dar-lhe a terra, a água, o ar, a luz de que necessitam para o seu desenvolvimento sadio e vigoroso, eis tudo que exige, também, a planta humana. Mas a realização dêste programa, aparentemente simples, requiere qualidades de observação, bom senso, firmeza e tacto.

Como quer que seja, de uma maneira ou outra, o mundo vai sempre seguindo o seu curso, as gerações succedendo às gerações...

JOSÉ DE MAGALHÃES.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

“**DUCO**”, Dupont, tintas de esmalte a frio, de grande fama, serão expostas no Salão da “**Voga**” pelos seus representantes Bethencourt Bros., Lt., Praça do Município, 12 e 13

ACTUALIDADES

Aspecto da procissão solene efectuada durante a última peregrinação a Nossa Senhora de Fátima, em 14 de Outubro passado



A ESQUERDA: — Aspecto da manifestação popular nos Paços do Concelho de Barcelos, por ocasião das festas que se realizaram celebrando a elevação da cidade da pitoresca e progressiva vila minhota
 A DIREITA: — A benemérita corporação de bombeiros de Barcelos e personalidades influentes na linda cidade, à porta dos Paços do Concelho por ocasião das festas ali realizadas
 NO MEDALHÃO: — O sr. Ministro da Justiça, dr. Silva Monteiro, entre o novo governador civil de Barcelos e o capitão Caravana, presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal da nova cidade minhota



EM CIMA: — Um documento inédito e altamente curioso. Fotografia, tirada dum néroplano, que voou sobre Sevilha e em que se vêem, no primeiro plano, as obras para o pavilhão português, já em estado notável de adiantamento. O pavilhão português será um dos mais belos da Exposição
 A ESQUERDA: — Imposição da Torre Espada ao sr. Governador Civil de Lisboa, major-aviador João Luís de Moura, a quem o governo assim galardoou pelos seus altos serviços. As insígnias foram oferecidas pelas casas de caridade de Lisboa, de quem o homenageado é disvelado protector. — (Fotografia cedida gentilmente pelo nosso colega «O Século»)

FÁBRICA DE TAPÊTES DE BEIRIZ, indústria altamente artística, criação de Carlos de Miranda e D. Hilda Brandão de Miranda, será expositora no Salão da "Voga", colaborando nas decorações

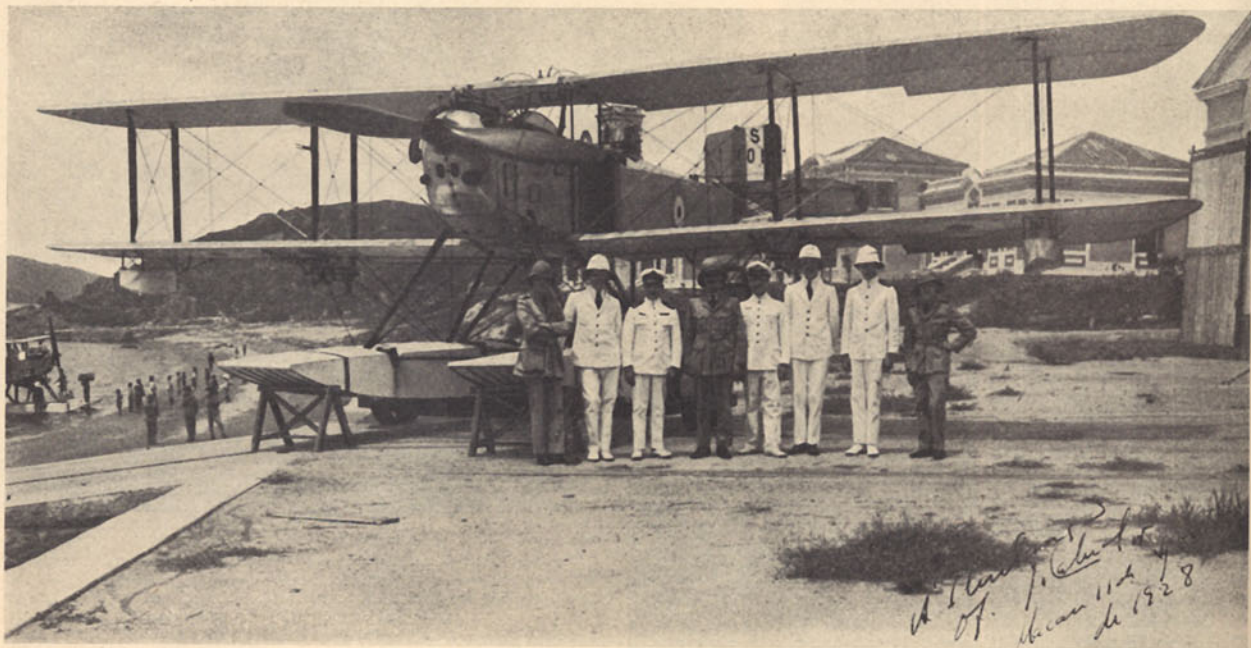
ACTUALIDADES

Pessoal diplomático português em Tanger, cujas gestões diplomáticas são notáveis para o problema português naquela cidade.—1.º plano, da esquerda para a direita: José de Esaguy, secretário do consulado; John Hassan, o grande banqueiro de Tanger, vice-consul; Dr. Barjona de Freitas, ministro de Portugal; Salomão Marrache, vice-consul em exercício. No 2.º plano: Gilali e Mohamed, dois criados moiros que há 25 anos servem Portugal



A bandeira do batalhão de Marinha durante a homenagem militar e popular que lhe foi prestada por ocasião da imposição das insígnias da Cruz de Guerra

Momento em que S. Ex.ª o Presidente da República e o sr. Ministro da Guerra impuseram solenemente a Cruz de Guerra à heroica bandeira da Marinha portuguesa



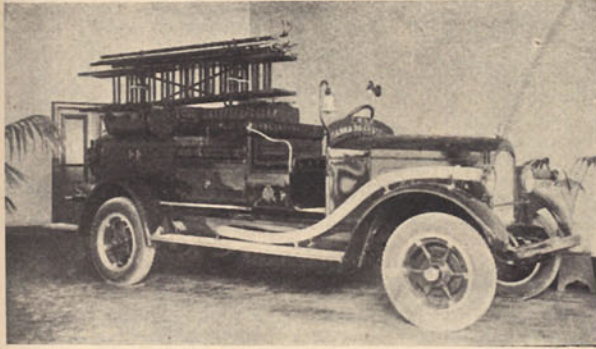
Visita da aviação inglesa à base aeronautica portuguesa de Macau. Grupo dos oficiais aviadores ingleses de Kai Tak, com os seus camaradas portugueses, junto dum dos aviões da base da Ilha da Taipa, obtido no curto intervalo das muitas e brilhantes festas ali realizadas

(Foto gentilmente oferecida pelo comandante José Cabral)

A CASA FRANCISCO ANTÓNIO MOREIRA LTD.ª, do Largo de S. Julião, terá no Salão da "Voga" um "stand" de decorações e papeis pintados

DE TODA A PARTE

A DIREITA: — Um aspecto do stand dos tractores «Caterpillar» expostos na exposição de máquinas agrícolas promovida em Lérida pela Confederação Sindical Hidrográficn del Ebro, em que o expositor, o nosso querido amigo e ilustre conterrâneo sr. Alberto Magno Rodríguez, representante, em Madrid, daqueles aparelhos, obteve além do 1.º prêmio (medalha de ouro) a máxima distinção conferida — O Grande Prêmio de Honra



Auto pronto-socorro que foi construído para o «Corpo Municipal de Salvação Pública de Viana do Castelo», assente sobre um soberbo chassis «Willys Knight» e que esteve em exposição no stand desta afamada marca



A exposição de crí-ântemos dos famosos floricultores Alfredo Moreira da Silva & Filhos. Em cima: A visita dos membros do Ministério. Em baixo, no oval: Alguns formosos exemplares expostos



VISITA MINISTERIAL A BEIRIZ. — O sr. presidente do Ministério e ministro do Comércio, visitando a fábrica de tapetes de Beiriz, perto da Póvoa do Varzim, de que são proprietários e directores a sr.ª D. Hda de Almeida Brandão de Miranda. — Da esquerda para a direita: srs. Carlos de Miranda, coronel Vicente de Freitas, secretário do sr. ministro do Comércio, engenheiro Araújo Corrêa ministro do Comércio e chefe do gabinete do sr. ministro da Marinha



(Fotos Novas exclusivas da «Ilustração»)



FESTAS DA COLÓNIA BALNEAR DA ERICEIRA. — Da esquerda para a direita: Um mercado em miniatura. — Uma filha e uma sobrinha do agurelista Alberto de Sousa, vendendo graciosamente hortaliça. — O pequenino vendedor de jornais Carlos Augusto Soulé. — Vendedores de peixe... amadores; Carlos Leal Mena e sua gentil irmãzinha. — (Clichsés te- nente Mascarenhas e J. P. do Carmo)



SANTOS & JULIO, Robes et Manteaux, farão desfilar os seus suntuosos modelos no Salão da "Voga"

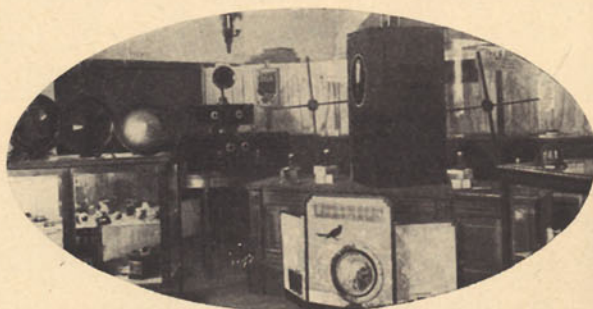


O QUE VAE
SER O
SALÃO
DA
"VO-
GA"

O extraordinário aparelho vibrador massagista, «Vibris», destinado a ser uma grande sensação do próximo «Salão de Outono» e que será apresentado com experiências continuadas e sensacionais



EM CIMA:—O formoso estabelecimento de Bastos Silva L.^{da}, especialistas em malas e carteiras, que terão um formoso stand de António Soares no «Salão da Foga»



A DIREITA:—Um aspecto da conhecida casa semi-lista «Rádio-Lisboa» que instalará os seus potentes *haut-parleurs* no «Salão da Foga»



As «Companhias Reunidas do Gás e Electricidade» que instalarão a sua cozinha ideal a gás e cooperam nas grandes iluminações do Palácio de Belas Artes



Aspecto dos formosos salões de Santos Júlio, L.^{da}, os grandes costureiros da rua Nova do Almada, vendo-se dois dos modelos vivos que desfilarão no «Salão da Foga»



O estabelecimento n.º 2 do «Mercado Internacional de Lisboa», de Paulino Ferreira, na rua da Palma, casa reputada de lindas novidades, que exportará no «Salão da Foga»



Um aspecto das salas da Central Telefónica da grande e prestimosa «The Anglo-Portuguese Telephone Co.», que instalou no «Salão da Foga» uma central primitiva, rede magnífica de aparelhos e um stand originalíssimo

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.^{da}, LTD.^{da}, os grandes comerciantes de novidades, instalações, água e gás e objectos de arte, expõem no Salão da "Voga"



A célebre casa de novidades, gás e electricidade, instalações, objectos de arte e de utilidade, Júlio Gomes Ferreira & C. L.ª, da rua do Ouro, que apresentará no «Salão da Foga» três salas maravilhosas de decoração e de atracate novidade



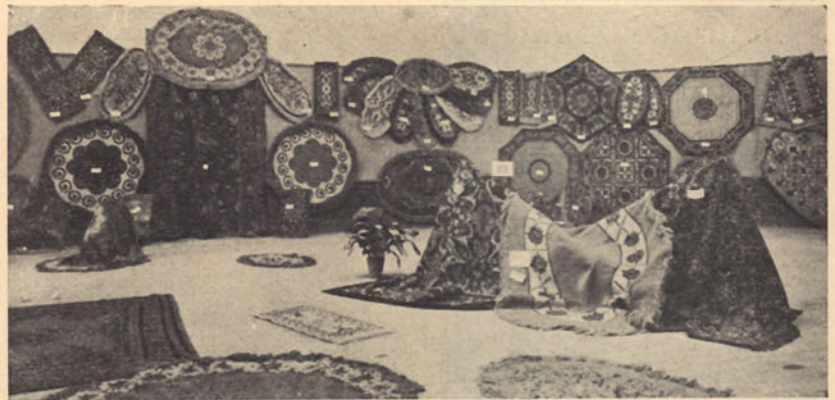
Aspecto das grandes oficinas de esmaltes de arte, medallias e condecorações do conceituado artista João Anjos, rua do Mundo, expositor do «Salão da Foga»



Vista geral da grande casa Júlio Gomes Ferreira & C. L.ª, rua do Ouro e rua da Vitória, concorrente no «Salão da Foga»



Um dos modelos de M.ª Vale, a grande criadora de modas que organizará desfiles de arte no «Salão da Foga»



Os formosos tapetes de Bérliz, indústria altamente artística, criação de D. Ilda Brandão de Miranda e Carlos de Miranda, maravilhas de bom gosto que terão um formosíssimo «stand» no «Salão da Foga», colaborando na decoração geral do Palácio de Belas Artes



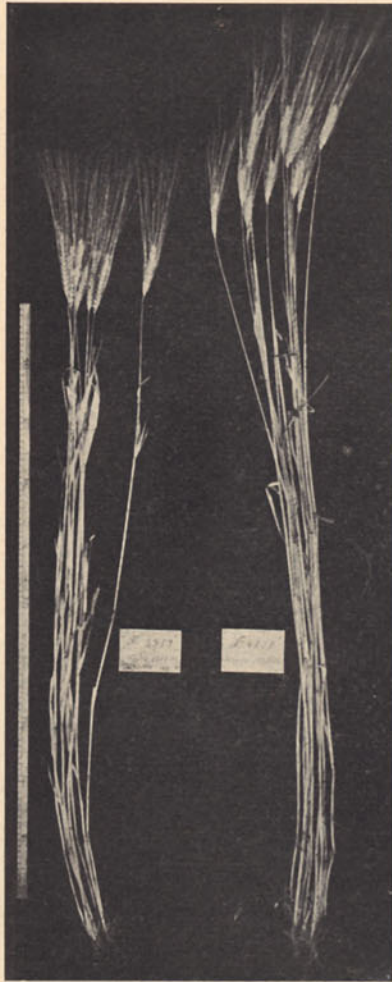
O «Royal Baking Powder» é uma criação maravilhosa da moderna culinária e doçaria. Espalhado por todo o mundo em toda a parte é admirado e tido como uma verdadeira maravilha. No «Salão da Foga» estará instalada uma curiosíssima cozinha que, com o «Royal Baking Powder» fabricará finíssima pastelaria e doçaria. São representantes deste prodígio culinário os srs. João Machado da Conceição & C.ª L.ª que também expõem no mesmo salão as suas «Gillette Safety Razor» de que são também agentes exclusivos



ROYAL BAKING POWDER C.ª, a maravilha da doçaria e GILLETTE SAFETY RAZOR, a maravilha das máquinas de barbear, concorrem ao Salão da «Foga» por intermédio dos seus representantes João Machado da Conceição & C.ª, Ltd.ª, de Lisboa

A TERRA PORTUGUESA NOS SEUS ASPECTOS CULTURAIS

CULTURA CEREALÍFERA. — TRIGO SELECIONADO — (Continuação do n.º 67)



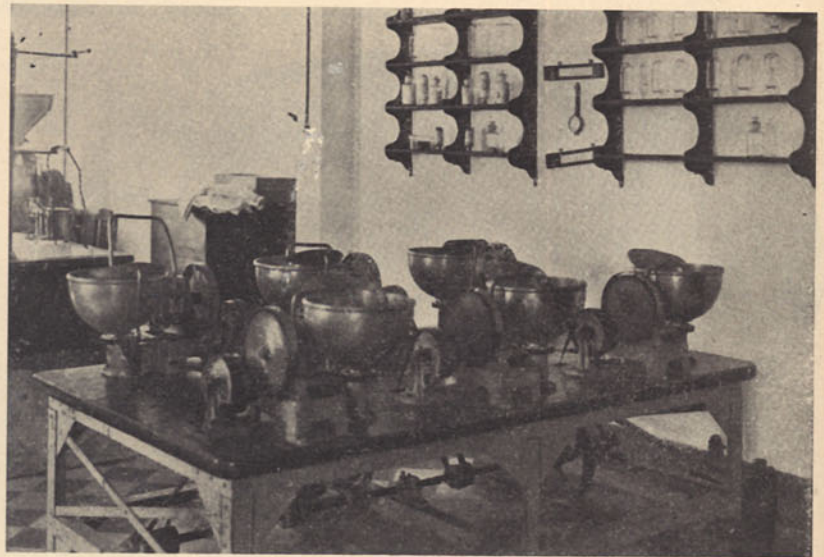
Trigo seleccionado (Amarêlo de barba branca)

fixação das melhores raças e da divulgação das respectivas sementes seleccionadas.

Nesta corrente Portugal tem feito recentemente visíveis progressos, sob a orientação da Estação Agrária Nacional (secção de ensaio de sementes, instalada em Belém). Aqui foi passada em revista a longa lista dos vários tipos de trigo nacionais, aqui se extremaram e perpetuaram as «linhas puras» dos melhores, ao mesmo tempo que se foi realizando o confronto com os tipos estrangeiros de maior nomeada, alguns apuradamente aconselháveis para o nosso país.

seu verdadeiro valor perante o objectivo em vista, e assim fixar-lhe com critério a respectiva posição comercial. Daqui, o ter a Estação Agrária referida, em outra secção — a dos estudos tecnológicos — um serviço especializado em que são postas à prova as aptidões dos trigos em experiência, pelo menos para o objectivo essencial da panificação.

Assentes as qualidades que tornem recomendáveis para a lavoura nacional os diversos tipos preferidos, surge o problema da larga divulgação destes, levando-se a semente boa a substituir nos vários casos a má semente. Isto im-



Estação Agrária Nacional. — Moagem e panificação. — Grupo de amassadores mecânicos

Sabe-se que o emprêgo de *semente seleccionada*, assim entendendo rigorosamente a que procede de plantas reconhecidas como de boa estirpe, é na agricultura moderna uma das primeiras condições de sucesso.

Na produção do cereal mais estimado, o trigo, é grandioso o trabalho desenvolvido nos últimos tempos no sentido da criação, apuramento e

O estudo de qualquer trigo, é preciso dizer-se, não está completo — depois mesmo que a forma, as condições de crescimento, a capacidade de produção estejam conscienciosamente averiguadas — sem que haja também sido feito o exame das respectivas aptidões tecnológicas. Destina-se êle à panificação, ao fabrico de massas ou de bolachas? Preciso é determinar-lhe o

porta a função complementar da «multiplicação» dos bons trigos, tarefa em que a Estação Agrária, auxiliada pelos serviços agronómicos de todo o país, vem, dia a dia, demorando mais a sua atenção e conquistando mais terreno.

No ano agrícola de 1927-1928, por exemplo, distribuíram-se desta origem 16 toneladas de semente, e já no corrente ano 27 toneladas.

É evidente que, em face das necessidades, esta fonte de boa semente — embora a mais autorizada — seria sempre insuficiente. Recorre-se então aqui, como em todos os países, à produção dos particulares, feita em searas merecendo a aprovação oficial. Como incentivo, a nossa legislação, ao mesmo tempo que facilita a inscrição das searas que se destinam a produtoras de semente apurada, concede um «bonus» (actualmente de 1 escudo por quilo) ao trigo produzido, quando colhido em seara que haja merecido a aprovação oficial, da Estação Agrária.

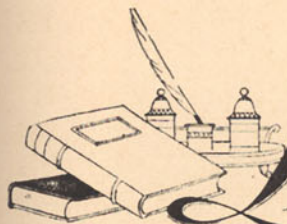
Este princípio tem-se mostrado fértil em resultados. No ano agrícola de 27-28 foram já 65 os lavradores inscritos, entre os quais figuram alguns dos melhores nomes da nossa agricultura. No ano anterior as inscrições eram 10 apenas. Daquela origem foi já possível lançar à terra, na última campanha, 144 toneladas de boa semente, às quais se juntaram 56 dos trigos produzidos, importados e distribuídos pela Estação. Na presente campanha conta-se com uma contribuição mínima de 1.400 toneladas, das quais 750 provindo das searas aprovadas e 658 da importação. Se ainda estamos longe do objectivo a alcançar manda a verdade dizer que não há motivo para desânimos.

AZEVEDO GOMES.



Estação Agrária Nacional — Belém — Trigos de multiplicação em 1927

ANTÓNIO BURGUÊTE LTD., exporão no Salão da "Voga", as geleiras Kelvinator, os artigos de "ménage" Toilectro, acumuladores "Japy" e outras novidades



Livros e Escritores

O teatro está sendo a esfinge da crítica moderna, visto que nenhuma outra espécie da literatura, seja o romance, seja a poesia, seja mesmo a complexa filosofia, lhe propõe tão de contínuo os mais díspares e intrincados problemas.

Mas trata-se, afinal, duma esfinge doente: esta, ao contrário da mitológica, em vez de ater-

ligentemente traçado, sintoma por sintoma. Poucas vezes mesmo temos visto, como nesta obra, encarados tão de frente e com pulso dextro, as questões da arte scênica nos seus múltiplos aspectos. A sua informação é copiosa e em dia, perpassando nas crônicas af enfeixadas as figuras e as doutrinas dos mais arrojados estetas do teatro, por essa Europa fóra e até mesmo em terras nipônicas. Estudando a evolução da dramaturgia desde as mais trecenadas épocas da história até aos tempos de hoje, desde os mistérios medievais às criações revolucionárias de Shaw e Pirandello, este livro do sr. D. E. Estevez-Ortega, crítico teatral dos mais bem reputados em Espanha, não obstante a sua idade moça, apresenta-se cheio de interesse, pelas sugestões desempoiçadas e pelos comentários libertos de preconceitos que contem. Lê-lo é abarcar o panorama inteiro da vida teatral dos nossos dias, aí vendo marcadas as falhas que lhe roubam a admiração do público e, a par, aqueles pontos onde os que lhe prometem, com seus talentos excepcionais, restituir força e brilho assentam suas capelas. A parte final do volume é constituída por um album de figuras notáveis do meio scênico de Espanha e alhures, assim como de aspectos de scenários modernistas.

Que a prática do desporto avigora o homem, toda a gente o diz com ar dogmático. Porém,

na medalha também há reverso, e a este raros o vêem. Incumbiu-se de no-lo evidenciar, num papel altamente educativo, o sr. Tenente Rebelo de Almeida, que, sendo um dos melhores e mais entusiásticos cultores desportivos, não ignora ao mesmo tempo os perigos a que o exercício, sem tom nem tom, sem freio nem norma, do desporto pode conduzir. Para isso publicou agora o apúsculo *O Football tornado perigo social*, que é uma crítica austera, lúcida, certa, nos erros da nossa organização desportiva. Exactamente porque é um professor de educação física, é que o autor deste trabalho, bent digno de ser profusamente espalhado por escolas e oficinas, onde uma mocidade mal orientada não pensa senão em desafios footballistas sem averiguar primeiro se o seu organismo tem a robustez necessária para esse violento género de desportos, quiz chamar a atenção de tais maníacos para o crime de suicídio que estão cometendo, pondo-lhes perante os olhos o quadro horrível mas verdadeiro das vítimas do *fool-ball*. Lógicamente desenvolvido e assente em dados estatísticos e observações médicas, o opúsculo em questão é uma advertência extremamente oportuna e mal andarão os que encolherem os ombros diante das suas palavras sensatas. Esses, afinal, são os que, dizendo-se sacerdotes da vida mais forte e mais bela, em favor de quem trabalham verdadeiramente é da morte, empurrando para ela uma grande parte da nossa gente moça.



D. Enrique Estevez-Ortega

rorizar os viandantes, comove-os com os queixumes do seu mal, não deixando de suplicar que lhe ensinem qualquer mênzina que a ponha sã como um pero e lépida como nos bons tempos em que eram convivas certos da sua casa Eschylo, Aristophanes e outros varões da mesma linhagem artística. Aos enigmas do montro de Tebas correspondem agora, a respeito da decadência que amofina a scena mundial, perguntas angustiadas como as que se seguem: qual o órgão que se apresenta mais affectado e ameaça corromper os outros; a quem atribuir a origem da enfermidade, aos autores, à grei histriónica, aos empresários ou, finalmente, a qualquer dos outros elementos que servem de acólitos aos principais; onde e como transfundir nesse organismo débil o sôro vitalizador? Claro está que tais interrogações não se diluem no silêncio, e se o doente vier a exalar breve o seu derradeiro suspiro será mesmo por efeito da applicação simultânea de todas as mil medicações preconizadas, pois sempre para qualquer assunto cada cabeça produz a sua sentença.

Mas parece-nos bem que, se a receita salvadora não se encontra ainda no belo volume que o sr. D. E. Estevez-Ortega há pouco lançou a lume e teve a gentileza de nos ofertar, volume que se intitula *Nuevo Escenario* e logo pela sua flumante capa nos promete uma leitura vigorosa de idéas, pelo menos o diagnóstico, base da sciência medicatriz, está aí inte-

Subsistindo ainda, talvez hoje mais agravadas do que então, as circunstâncias que, em 1 de Maio último, levaram a nossa revista a adiar para a presente data o fêcho do

CONCURSO LITERÁRIO

aberto nestas páginas entre os romancistas e novelistas portugueses, diversos escritores se nos têm dirigido sollicitando que não ponhamos ainda termo ao interessante certame. Alegam eles, sobretudo, que os recentes tempos têm sido de quasi completa paralisia no organismo livreiro, e de que os alegantes não falseiam a verdade até nós mesmos encontramos indício e abno no tacto de, nos seis meses da última prorrogação concedida, se terem inscrito apenas mais dois livros.

Reconhecendo, em suma, que são bem dignos de atender esses insistentes pedidos, resolveu a Ilustração ampliar mais uma vez o prazo para a entrega dos trabalhos, fixando agora o seu limite em 30 de Abril do próximo ano de 1929. Acresce ainda que, sendo o referido concurso, não obstante a valia dos prémios pecuniários que lhe atribuímos, um elemento apenas da Festa do Livro, a qual, por falta de adequado ambiente no momento que passa, tudo aconselha a transferir para época mais propícia, como pode vir a ser a da semana que abrange o 10 de Junho, dia de Camões, do ano próximo futuro, — não faria sentido que só aquella parte do seu vasto programa, emancipando-se d'este, obtivesse immediata execução.

Mantidos, pois, como é natural, os direitos das obras já inscritas, aqui fica o animador aviso e convite aos novos concorrentes que, tentados pelo poderoso estímulo que para alguns d'elles representará a classificação num certame desta natureza, doutro modo veriam malogrados os seus legítimos desejos: salvo na data final do prazo, agora alterada, em tudo o mais vigoram as condições estabelecidas no nosso n.º 57. E assim se verifica que esta prorrogação, sem levar dano a ninguém, promete, bem pelo contrário, um ganho geral: ganharão com ela não só as belas-lettras como também os próprios concorrentes, pois quanto mais renhida fór a conquista dos prémios maior honra caberá a quem os alcançar.

MADAME VALE, a grande criadora de modas, fará desfilar os seus suntuosos modelos no Salão da "Voga"

FIGURAS DO MOMENTO



MR. KNIGHT

EMINENTE diplomata francês que vai desempenhar o honroso cargo de primeiro Embaixador francês no Canadá, cargo cuja criação abre novas vistas internacionais para aquele domínio britânico que assim parece obter um reconhecimento tácito de nova potência.



O PINTOR ADRIANO COSTA

QUE acaba de realizar em Sintra uma deliciosa exposição de quadros seus e de sua filha e discípula, obtendo um assinalado e merecido êxito.



DR. J. N. GOMES RIBEIRO

ANTIGO professor do Colégio de Campolide, exilado no Brasil e exercendo o magistério, notavelmente, em Petrópolis, o dr. Gomes Ribeiro é um dos mais brilhantes colaboradores do *Pais*, do Rio de Janeiro, e um escritor distintíssimo, de elevados dotes, tendo grangeado uma justa auréola literária agora confirmada pela aparição do seu formoso livro de versos «Almas errantes», saudado pela crítica com altos louvores.



MR. DE NOBLET

SECRETÁRIO de Embaixada que parece envolvido no misterioso caso da publicação do tratado secreto anglo-francês, levada a efeito pelo jornalista americano Horan.



NUNO DE MONTEMOR

ILUSTRE romancista católico que acaba de lançar no mercado mais uma obra, «O avô», que confirma o apêço em que justamente é tido nas letras portuguesas.



PORTUGUESES ILUSTRES
NO ESTRANGEIRO

NA Vila «Néré Kalias», em Hendaya. Da esquerda para a direita, a sr.^a D. Virginia Vitorino, ilustre poetisa, sr. Marquês de Faria e a sr.^a D. Olga de Moraes Sarmento, recentemente agraciada pelo governo português com a Ordem Militar de Cristo, por altos serviços desinteressados de propagação de Portugal e dignificação da nossa cotação internacional. Ilustração apresenta à apreciação escritora os seus parabéns pela justa distinção obtida.



MR. DELAPLANQUE

JORNALISTA francês, cúmplice do americano Horan, no caso da subtração e publicação do texto do tratado secreto anglo-francês.



DR. GUIDO CABRAL

JÓVEN e estudioso clínico que há pouco terminou o seu curso com verdadeiro brilhantismo e destaque.

MOÇAMBIQUE E ÁFRICA DO SUL

Após três semanas de árduo trabalho concluíram em Pretória, em 11 de Setembro, as negociações para o estabelecimento de uma nova Convenção entre Moçambique e a União Sul-Africana, regularizando-se assim as bases acordadas em Lisboa em Maio último. O documento agora negociado representa, sob o ponto de vista português, um grande avanço em relação à Convenção de 1909. A experiência feita permitiu que fossem acautelados os interesses em jogo da nossa grande possessão da África Oriental, podendo dizer-se afoitamente que a diplomacia portuguesa deixou os seus créditos bem firmados perante a África do Sul. É interessante saber-se que as negociações decorreram no meio de uma atmosfera perfeitamente amistosa, tendo os dois lados manifestado continuamente o máximo empenho em que fosse feita obra proveitosa e que assegurasse as boas relações que os dois países precisam de manter entre si no sul do continente afri-

CONCLUSÃO DE UMA NOVA CONVENÇÃO ENTRE OS DOIS PAÍSES VIZINHOS

cano. Os discursos trocados no banquete final entre o ilustre Governador Geral de Moçambique e o grande homem de Estado sul-africano que é o General Hertzog são indicativos do estabelecimento de tais relações em base estável e em condições mutuamente proveitosas para Portugal e para a União da África do Sul.

Por parte da União Sul-Africana foram principais negociadores e signatários da Convenção os srs. Havenga, Malan e Beyers, respectivamente ministros das Finanças, dos Caminhos de Ferro e Portos, de Minas e do Interior. Por parte de Portugal foram negociadores da Convenção o Governador Geral

de Moçambique, tenente-coronel José Cabral, que conduziu hábilmente as negociações, o engenheiro sr. Carlos de Sá Carneiro, antigo director do porto e dos caminhos de ferro de Lourenço Marques, e o dr. José de Almada, sub-director geral do ministério das Colónias em serviço no ministério dos Estrangeiros. Fizera parte da missão portuguesa, na qualidade de técnicos, os srs. Marino da Fonseca, director geral das Alfândegas de Moçambique, Augusto Cabral, director dos Negócios Indígenas, engenheiro Prata Dias, director interino dos C. F. L. M., Alexandre Ferrão, curador dos indígenas portugueses no Transvaal, J. E. Correia Mendes, chefe da fiscalização dos C. F. L. M., e José F. Ferreira, vice-consul de Portugal e agente oficial do porto e dos caminhos de ferro de Lourenço Marques em Johannesburg, servindo de secretário da Delegação.

J. F. F.



GRUPO DOS PLENIPOTENCIÁRIOS OBTIDO PARA A «ILUSTRAÇÃO» DURANTE AS NEGOCIAÇÕES PARA A CONVENÇÃO ENTRE PORTUGAL E A UNIÃO SUL-AFRICANA. REALIZADAS EM PRETÓRIA EM AGOSTO E SETEMBRO DE 1925

DA ESQUERDA PARA A DIREITA: — Sentados: E. H. Farrar (Secretário de Finanças), Engenheiro Carlos de Sá Carneiro (Delegado português), Hon. N. C. Havenga (Ministro das Finanças), Tenente-coronel José Ricardo Pereira Cabral (Governador Geral de Moçambique), Hon. F. W. Beyers (Ministro de Minas e Indústrias), Dr. José de Almada (Delegado português), Hon. C. W. Malan (Ministro dos caminhos de ferro e portos), Nixon (Sub-secretário de Minas). De pé: — Primeira fila: Engenheiro M. Prata Dias (Director interino dos C. F. L. M.), Augusto Cabral (Director dos Negócios Indígenas de Moçambique), J. D. Heddon (Director geral interino das alfândegas da União), Alexandre Ferrão (Curador dos Indígenas Portugueses no Transvaal), Hendry (Chefe da secção de tarifas dos S. A. R.), Garthorne (Sub-secretário dos Negócios Indígenas), J. Grant (Secretário parlamentar dos S. A. R.), J. R. More (Director Geral dos Caminhos de Ferro Sul-africanos), Tenente Ribeiro da Silva (Ajudante de Campo do Governador Geral de Moçambique). Segunda fila: J. E. Correia Mendes (Chefe da Fiscalização e Tarifas dos C. F. L. M.), Marino da Fonseca (Director Geral das Alfândegas de Moçambique), J. F. Ferreira (Vice-Consul de Portugal e Agente Oficial do Porto e dos C. F. L. M. em Johannesburg, Secretário da Delegação Portuguesa), e Dr. Hans Pirow (Engenheiro de Minas do Governo e Secretário interino da Repartição de Minas e Indústrias da União)

JOÃO ANJOS, o grande artista de condecorações, esmaltes, medalhas e placas de arte, da Rua do Mundo, exporá no Salão da "Voga"



TABO A TERCEIRA

ALAGÓA—Cortado o I, em campo de azul, 5 estrêlas de oiro de seis pontas, postas em cruz; II, campo de prata ondado de azul; bordadura de vermelho carregada da divisa *Nomen honor quæ meis* em letras de oiro.

TIMBRE: Um galgo de prata, corrente, coleirado de vermelho, com uma chave de oiro na bôca.

Coupé: au I d'azur, à 5 étoiles d'or de six rais, posées en croix; au II d'argent ondé d'azur; à la bordure de gueules chargée de la devise NOMEN HONOR QUÆ MEIS en lettres d'or.

CIMIER: Un levrier d'argent, courant, colleté de gueules, à une clef d'or dans sa bouche.

ALÃO—Esquartelado: I e IV xadresado de oiro e de vermelho de 5 peças em pala e 5 em faixa; II e III em campo azul 5 flores de liz de oiro em sautoir.

TIMBRE: Um alão de azul, sentado, carregado de uma estrêla de oiro na espádua.

Ecartelé: au I et IV, échiqueté d'or et de gueules de 5 tires de 5 points; aux II et III d'azur à 5 fleurs-de-lys d'or posées en sautoir.

CIMIER: Un dogue d'azur, assis, chargé d'une étoile d'or sur son épaule.

ALARÇÃO—De vermelho com cruz florenciada e vazia de oiro, e bordadura de azul bordada de oiro, carregada de 8 aspas do mesmo.

TIMBRE: A cruz do escudo.

De gueules, à la croix florencée et vidée d'or, à la bordure d'azur bordée d'or, chargée de huit flanchis du même.

CIMIER: La croix de l'écu.

ALARDO—Em campo vermelho 3 flores de liz de oiro postas em roquete e um crescente de prata em abismo.

TIMBRE: Um leão sainte de prata, armado e coleirado de vermelho, a coleira bordada e afivelada de oiro, tendo na pata direita uma flor de liz do escudo.

De gueules, à trois fleur-de-lys d'or mal-ordonnées et un croissant d'argent mis en abime.

CIMIER: Un lion issant d'argent, armé et colleté de gueules, son collier bordé et bouclé d'or, tenant dans sa patte dextre une fleur-de-lys de l'écu.

ALBERGARIA—Em campo de prata, uma cruz florenciada e vazia de vermelho, acompanhada de oito escudetes das quinas de Portugal, postos em bordadura.

TIMBRE: Um dragão de vermelho, com uma cruz florenciada, de prata, sôbre o peito (1).

D'argent, à la croix florencée et vidée de gueules, accompagné de huit écussons d'azur posés en bordure, chaque écusson chargé de 5 besans d'argent mis en sautoir.

CIMIER: Un dragon de gueules, chargé d'une croix florencée d'argent sur son poitrail (1).

ALBERNAZ—Esquartelado de azul e de prata, com 4 carapeteiros de um no outro.

TIMBRE: Um carapeteiro de azul florido de prata.

Ecartelé d'azur et d'argent, à 4 créquiers de l'un à l'autre.

CIMIER: Un créquier d'azur fleuri d'argent.

ALBORNOZ—Em campo de oiro, uma banda de verde.

D'or, à la bande de sinople.

ALBUQUERQUE—Em campo vermelho, flores de liz de oiro postas em sautoir.

TIMBRE: Uma asa de negro carregada das 5 flores de liz do escudo.

De gueules, à 5 fleurs-de-lys d'or, posées en sautoir.

CIMIER: Un demi-vol de sable chargé des 5 fleurs-de-lys de l'écu.

ALBUQUERQUE, de AFONSO TELES—Esquartelado: I e IV de Portugal antigo; II e III em campo vermelho, 5 flores de liz de oiro postas em sautoir.

TIMBRE: Uma asa de negro, carregada das 5 flores de liz do escudo.

Ecartelé: Aux I et IV d'argent, à 5 écussons d'azur posées en croix, chaque écusson chargé de 5 besans d'argent mis en sautoir, qui est de Portugal ancien; aux II et III de gueules, à 5 fleurs-de-lys d'or posées en sautoir.

CIMIER: Un demi-vol de sable chargé de 5 fleurs-de-lys de l'écu.

(1) Por lapso do desenhador o timbre vem errado, pois figurou apenas meio dragão com a cruz no peçoço.

ALBUQUERQUE, MENESES—Esquartelado: I e IV de Portugal antigo; II e III em campo vermelho, 5 flores de liz de oiro, postas em sautoir.

TIMBRE: Um castelo com três torres de vermelho, aberto e iluminado de oiro, a torre do meio rematada por uma flor de liz do escudo.

Ecartelé: aux I et IV d'argent à 5 écussons d'azur posés en croix, chaque écusson chargé de 5 besans d'argent mis en sautoir; aux II et III de gueules, à 5 fleurs-de-lys d'or posées en sautoir.

CIMIER: Un château donjonné de trois tourelles, de gueules, ouvert et ajouré d'or, la tourelle du milieu soutenant une fleur-de-lys de l'écu.

ALBUQUERQUE, MENESES 2.º RAMO—Esquartelado: I e IV de Portugal antigo; II e III em campo azul cinco flores de liz de oiro postas em sautoir.

TIMBRE: Um castelo com três torres de vermelho, aberto e iluminado de oiro, a torre do meio rematada por uma flor de liz do escudo.

Ecartelé: Aux I et IV d'argent, à 5 écussons d'azur posés en croix, chaque écusson chargé de 5 besans d'argent mis en sautoir, qui est de Portugal ancien; aux II et III d'azur, à 5 fleurs-de-lys d'or posées en sautoir.

CIMIER: Un château donjonné de trois tourelles, de gueules, ouvert et ajouré d'or; la tourelle du milieu soutenant une fleur-de-lys de l'écu.

ALBUQUERQUE, COELHO—Em campo de oiro, um leão passante de vermelho, acompanhado de 5 estrêlas do mesmo, alinhadas em chefe, e de uma cruzeta de negro sustida de um contra-chefe diminuto de verde; bordadura de azul, carregada de 5 castelos de prata, lavrados de negro.

TIMBRE: Um leão passante de oiro, carregado de uma estrêla de vermelho na espádua.

D'or, à un lion léopardé de gueules accompagné de 5 étoiles du même rangées en chef et d'une croisette de sable soutenue d'une plaine de sinople; à la bordure d'azur chargée de 5 châteaux d'argent maçonnés de sable.

CIMIER: Un lion léopardé d'or, chargé d'une étoile de gueules sur son épaule.



Alagôa



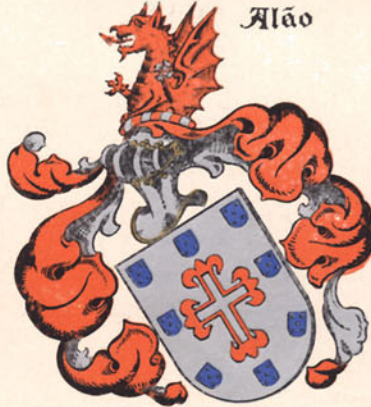
Alão



Alarcão



Alardo



Albercaria



Albernaz



Albornoz



Albuquerque



Albuquerque



Albuquerque



Albuquerque



Albuquerque

FIGURAS EXCÊNTRICAS DA NOSSA TERRA

VERGILLIO RUY GUTTERRE MOTTA

CONTA "A ILUSTRAÇÃO,, OS SEUS TRIUNFOS
TAUROMÁQUICOS E AS SUAS PREDILEÇÕES
GASTRONÓMICAS—UM HOMEM PEQUENO QUE
: : NÃO TEME OS GRANDES BANQUETES : :

Conheciamo-lo há muito tempo de nome, mas nunca lhe tínhamos sido apresentados. Tinham-nos dito que era uma pessoa muito bem relacionada, com entrada franca em casa das melhores famílias de Lisboa. Não havia festa fidalga onde não se verificasse a sua presença. Era um homem de quem não se podia prescindir.

Estas confidências feitas por um amigo ao ouvido do cronista excitaram-lhe a curiosidade. Como a realidade fôsse ausente trabalhou a imaginação. No nosso cérebro o homem extraordinário a quem as pessoas da melhor sociedade tanto queriam avolumou de prestígio. Fantasiavamo-lo como êle de facto deveria ser: alto, esbelto, vestido com elegância e cuidadoso na palestra burilada, uma certa austeridade na face e uma bengala de castão de ouro na mão.

Disseram-nos também que era o homem que tinha assistido ao maior número de banquetes. Batia o *record*. E êste facto levou-nos a calcular que a sua cloquência deveria ser tão grande como a sua voracidade. À hora solene dos brindes, ninguém como êle saberia erguer a taça onde o champanhe espumaria e fazer um discurso comovedor ou alegre, irónico ou iracundo, conforme as circunstâncias.

E ficavamos, num devancio, a invejar êsse homem extraordinário que tôdas as pessoas de bom gôsto desejavam à sua mesa.

Chega a ter três e quatro jantares no mesmo dia, diziam-nos. E ante esta notícia a nossa admiração sincera crescia, crescia tanto quanto nos lembravamos de que por êsse mundo muitos desgraçados, párias, miseráveis há com tão pouca importância que durante dias seguidos não alcançam a mercê de uma só parca refeição.

A principal função dêsse homem estupendo era comer, comer bastante, comer sempre. Dêsse facto nascera o seu cognome. Êle, como os reis, tinha um adjectivo que seguido ao nome, definia as qualidades mais salientes do seu carácter. Êle é conhecido pelo Mota *Mastiga*. Como mastigar era a sua principal ocupação chamaram-lhe o *Mastiga*. Não contém esta alcunha, cremos nós, a menor intenção desprimorosa.

Um dia pessoa amiga, sabedora do nosso grande interesse em conhecer o sr. Mota, disse-nos:

—Não sabe onde êle se encontra? É fácil.

Porque não o procura você no Banco?

—Qual Banco? O dos réus?...

—Não.

—O de Portugal?

—Não—atalhou impaciente o nosso informador—o de Madeira...

—De pinho?

—Banco da Madeira. Encontra-o lá com facilidade.

Não quizemos ouvir mais nada. Uma alegria infantil cresceu em nós, exuberante. Desecemos contentes a rua Aurea, voltámos à esquina de São Nicolau e entrámos no Banco da Madeira.

—O senhor Mota, está?—preguntámos a um empregado amável que solícitamente nos respondeu:

—Safu, mas não deve demorar-se. Se quer esperar uns momentos...

Resolvemos esperar, olhando ansiosamente a rua através da vidraça do guarda-vento. Entraram e saíram vários clientes do Banco, e a cada pessoa que chegava nós dirigiamos ao empregado que nos havia atendido um olhar inquiridor, como quem pergunta: «Será êste?» Não era—e os minutos passavam.

—Aí o tem—disse-nos subitamente o empregado.

Aquele? Seria possível? Tínhamos na nossa presença um indivíduo baixo, face chupada de quem comia mal, queixo grande, comprido, boca recitrante ornada de um bigode grisalho e deselegante, corpo a dançar dentro do fato, pescoço magro girando à vontade dentro de um colarinho amplo. Era aquele o célebre Mota *Mastiga*.

Pensando que os homens não valem pelas aparências desculpámos a nossa decepção. Foi, portanto, com o maior respeito que lhe solicitámos uma entrevista sôbre a vida elegante de Lisboa que êle deveria conhecer perfeitamente. Não se negou, antes accedeu gentilmente como pessoa de boa sociedade, desejando levar a sua amabilidade até ao ponto de escrevê-la, o que recusamos. E para que não visse na nossa recusa a menor sombra

de desprezo pelas suas faculdades literárias elucidamo-lo sôbre as normas adoptadas pela *Ilustração*: o jornalista, e não o entrevistado, é quem escreve as entrevistas.

Pedimos-lhe para nos marcar local, dia e hora onde procurá-lo. Meditou o sr. Mota no assunto, calculando nós enquanto êle se ensi-mesava em profundos pensamentos que provavelmente nos marcaria encontro no Tavares, na Garrett, na Marques ou em qualquer outro estabelecimento elegante.

—No Café Avenida, amanhã, pelas cinco e meia—ordenou êle.

E às cinco e um quarto do dia seguinte voltavamos a encontrar no sítio combinado o sr. Vergillio Ruy Gutterre Motta, vulgarmente conhecido pelo Mota *Mastiga*.

Cumprimentos affectuosos, sorrisos amáveis, frases sôbre o tempo que decorria magnífico, tal como nas entrevistas com reis, condes, literatos, diplomatas e outros «hóspedes illustres» que o acaso traz a esta capital, assim foi o inicio da sensacional *interview* que o sr. Mota nos concedeu.

Entretanto, no estrado da orquestra uma rapariga esquelada, dos seus quinze anos, acompanhada de uma viola, dedilhava numa guitarra o fado sentimental.

E não sabemos como nem porquê a conversa enveredou pelas touradas.

—O sr. Mota já toureou?

—Já toureei e já dei alguns trambulhões. Era no tempo em que eu andava maluco. Uma vez, em Algés, fui colhido por uma vaca. Escapei da morte por milagre. Caf do cavalo abaixo por causa de uma partida que me fizeram. Alargaram-me a cilha.

—Gosta mais dela apertada?...

—Assim é preciso para segurança de quem monta.

—E toureou muitas vezes?

—Muitas.

—Em Lisboa?

—Não, apenas fora de Lisboa. Em Setúbal, Abrantes, Espinho, Cascais e Ericéira.

—E o público?

—Gostava de mim. Só me gritava: «Chega-te para a cabeça do bicho!» Ê o chegass... que êle marra. Dava-me vontade de gritar para as bancadas: «Venham cá vocês, ve-

nham seus valentes.» Mas não havia tempo para discussões. Bons tempos!... Quando o meu nome aparecia no cartaz enchia-se a praça.

—Era muito popular?

—Muito!...

—E porque abandonou a carreira? Poderia fazer fortuna...

—Era perigoso.

—Mas o senhor gostava...

—...De ver.

Notamos que o nosso amável entrevistado consultava repetidas vezes um relógio pendente de uma parede do café.

—Está com pressa, senhor Mota?

—Realmente não me sobeja muito tempo. Tenho que ir hoje jantar com D. José de Mascarenhas, a Paço de Arcos.

E ao proferir a palavra jantar houve nos seus olhos uma voluptuosa scintilação.

—Não pode faltar?

—Não, não posso. Trata-se de um fidalgo que recebe muito bem. É um bom amigo. A sua mesa muito farta está sempre posta para todos com o que há melhor. Dou-me muito bem com gente assim.

—São agradáveis os jantares em casa de pessoas de bom trato.

—Muito agradáveis! — exclamou Mota Mastiga abrindo a face num sorriso amplo e mostrando a boca que, apesar de desguarnecida, não deixa de cumprir admiravelmente o seu dever.

—Eu gosto muito de uma boa jantarada! — disse êle numa expansão sincera. E como estivesse no seu elemento, ou alimento, prosseguiu:

—Prefiro um grande jantar a uma grande almôço, quer crer? Um grande almôço é um dia incompleto. A tarde acaba-se e fica a gente sem saber o que há de fazer durante o resto do dia. Agora uma jantarada, meu caro, e outro asseio. Termina lá para a uma ou duas da madrugada. Vai uma pessoa deitar-se bem quente, satisfeita, como se tivesse cumprido uma obrigação.

Deteve-se um momento silencioso a recordar com saúde pantagruelicos festins.

—Imagine o senhor que há anos, em Alenquer, assisti a uma festa de casamento que meteu dois banquetes no mesmo dia: um almôço e um jantar. Foi estupendo! Chegava-se-lhe com o dedo! O almôço, que constou de dezasseis pratos, terminou às nove horas da noite, e o jantar, com catorze pratos variados e fortes, acabou às oito da manhã. Aquilo é que foi comer!

—Foi comer por uma semana — comentamos nós.

—E olhe que foi, porque oito dias depois havia outro casamento a que assisti, é claro, que não foi menos importante do que o primeiro.

—O sr. Mota fartou-se de mastigar...

Respondeu-nos com uma gargalhada jovial.

—Não há nada como uma boa tourada e um bom jantar.

—E do futebol não gosta?

Vergílio Mota torceu o nariz abatado.

—É um jôgo de coice — respondeu num gesto de desprêso.

—E o box? O senhor dava um bom *boxeur*...

—Não gosto. E estou velho; tenho cinquenta e três anos.

—Cinquenta e três anos? Deve ter assistido a muitos banquetes!...

—Tantos!

E poz os olhos em alvo. Quando os desceu, pousou-os novamente no relógio.

—Oh diabo, são horas de jantar! — exclamou êle.

Erguemo-nos e saímos. E enquanto trans-

punhamos a porta a mesma rapariga esquiálida, rosto de faminta, dedilhava um fado triste.

A caminho do Cais do Sodré fomos conversando. Ainda soubemos que Mota Mastiga vivia há vinte e tantos anos hospedado em casa do Duque de Lafões.

Nada mais conseguimos arrancar-lhe. Passo apressado, ideia fita no jantar daquela tarde que podia falhar-lhe se perdesse o comboio, respondia-nos por monossílabos através da respiração ofegante. Desistimos de acompanhá-lo naquela corrida vertiginosa. Apenas tivemos tempo de apresentar-lhe as nossas despedidas respeitosas. E quedamos a segui-lo com a vista. Chiado acima, até se perder entre a multidão.

MÁRIO DOMINGUES.



Motta (Virgílio Ruy Guterre), à esquerda, conta, o que acima consta, ao redactor da «Ilustração»

MERCADO INTERNACIONAL EM LISBOA, as casas que batem o "récord" das novidades artísticas de todo o mundo em louças e artigos de "ménage", concorrem ao Salão da "Voga"

a trage dia da chave

Fernando Florinda

(TRADUÇÃO PORTUGUESA EXCLUSIVA

E ESPECIAL PARA «ILUSTRAÇÃO»)

Os senhores imaginem! Eu ia a subir a escada, sem luz, às duas da manhã; e ao tirar a chave do bolso — ainda estremeço só de pensar nisso — ao triar a chave, escapou-se-me das mãos!... Senti-a chocar duas vezes contra a grade em espiral do elevador e bater depois na madeira dum degrau, lá em baixo, muito abaixo, muito longe...

Já sofri algumas desgraças, já li bastantes folhetins e conheço muita espécie de infortúnios. Mas nenhum tão grande como aquele. Estive algum tempo sem me penetrar de toda a gravidade do successo, e permaneci imóvel como se confiasse em que a chave subisse ou como se esperasse ouvi-la gemer. A minha primeira idea foi terrível-



mente estúpida, mas perfeitamente natural. Quando ouvi o golpe do pedaço de ferro no fundo da escada, pensei:

— Morreu!

Compreendo, no entanto, que esta idea foi

lógica. Foi uma idea associada. Ao pensamento da queda do alto duma escada vai unido o da morte. Suscitado o primeiro, surgiu o segundo. Todo o mundo teria a mesma idea, embora ninguém a confessasse tão lealmente como eu. Mas é preciso que os senhores reparem na minha sinceridade para que acreditem no que lhes vou dizer.

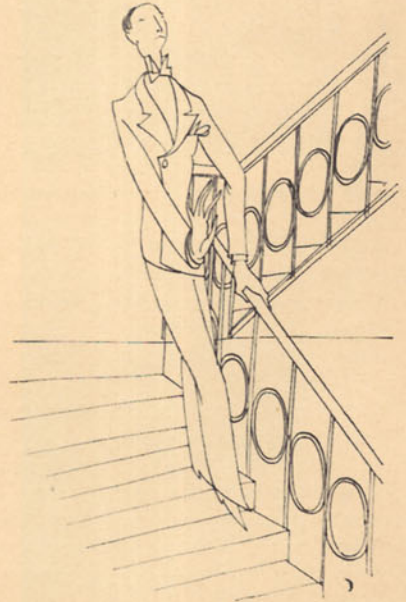
Quando caí em mim, comeci a descer os degraus. Calculava encontrar a chave entre o segundo e o terceiro andar. Desci cuidadosamente. Não tinha fósforos e não podia sair à rua porque o guarda-nocturno fechára a porta detrás de mim. Quando me julguei no terceiro andar, continuei a descer de costas, apalpando as escadas uma a uma. Creio que cheguei ao primeiro. Então tornei a subir. A chave não aparecia. Tornei a descer. O suor banhava-me. Decidi razoavelmente abandonar as minhas pesquisas e bater à minha porta até que alguém acordasse e abrisse.

— Irei até ao portão — pensei — e contarei os patamares.

Mal desci três degraus, encontrei-me no portão. Surpreendeu-me isto, porque julgava estar no quarto andar. Tornei a subir, mas ao contar o degrau vigésimo primeiro observei que tinha acabado a escada, e para qualquer lado que estendesse os braços não havia senão parede. Para chegar outra vez ao portão, tive que descer cincoenta e seis degraus. Isto era bastante para enfurecer o mais calmo; mas ainda conservei a minha tranquillidade. Na minha nova tentativa, a escada transformou-se por completo e os degraus eram todos desiguais. Por vezes, quando ia para pousar o pé, crescia um dêles até alcançar a elevação dum metro, ou desaparecia bruscamente e ficava ao nível do anterior, formando patamar. Em qualquer dos casos, o meu pé dava uma pancada que retumbava como tiro de canhão e eu detinha-me com o coração estremeado.

Perdi a conta exacta dos degraus; mas compreendi que tinha subido dôze andares. Sentei-me a descansar e subi mais quinze. Devia estar a uma terrível altura sobre os telhados de Madrid. Procurei então reflectir serenamente.

— A minha casa — pensei — não tem tan-



tos andares; portanto, eu não estou em minha casa.

Evidentemente, tinha-me enganado. Isto não era difficil, pois o meu estado espiritual, ou a minha debilidade nervosa, ou como os senhores lhe quizerem chamar, faz-me cair em frequentes distracções. Tinha-me enganado; era notório. Agora era preciso averiguar em que casa estava.

— Vejamos — disse comigo —: qual é o edificio de Madrid que tem vinte e cinco an-

FRIGIDAIRE, o magnífico frigorífico-conservador, estará em lugar de destaque, trabalhando, no Salão da "Voga"

ILUSTRAÇÃO

dares? Vinte e cinco andares... vinte e cinco andares...

Abriram-se-me os olhos com espanto, o coração bateu-me fortemente e cruzei angustiosamente as mãos ao encontrar esta terrível resposta:

— Não há nenhum!

Não. Tinha a certeza. Não há nenhum edifício de vinte e cinco andares em todo Madrid... Os senhores compreendem...? Calculam bem o que isto significa...? Sendo assim, não existindo em Madrid nenhuma casa de vinte e cinco andares... eu não estava em Madrid!

A emoção foi tão intensa, que me vi obrigado a sentar-me. Tinha um suor frio.

— Calma, calma! — exortava-me a mim mesmo. — Procura ligar ideias... Que fizeste? Onde tomaste o combóio?

— Nem hoje, nem ontem, nem este mês, nem este ano subi a nenhum combóio — respondia.

A ideia do arranha-céus fincava-se em mim, e isto sugeriu-me uma suspeita.

— Encontro-me em Nova-York — suspirei. — Não sei como, mas encontro-me em Nova York. Estou perdido!

Sentado na escada, submergi o rosto entre as mãos e entreguei-me a uma sombria meditação. A minha vida estava desfeita para sempre. Ignorando o inglês, era muito difícil, quasi impossível, poder abrir caminho naquele país, criar uma posição aceitável. E embora pudesse voltar a Espanha, que conseguiria, se eu era, pelo visto, um homem tão fora do normal que ia dum hemisfério ao outro sem dar por isso, sem reflectir sequer nas transcendentais consequências de tal conduta? Já em Madrid, qualquer dia tornava a desaparecer e encontrava-me no quinto andar duma casa desconhecida de Piccadilly-Street, ou no sótão dum edifício de Calcutá. Ou — o que seria pior — numa selva virgem da África equatorial. Não; a minha vida estava esfrangalhada para sempre. No silêncio, aquele enorme canhão da escada, onde me perdera, pareceu animar-se. Comecei a ouvir sons estranhos: suspiros profundos, pisadas leves e assim como o *tic-tac* apagado dum grande relógio. Não há nada tão cheio de ressonância e de mistério como uma escada às escuras às três da manhã. Se os senhores não acreditam, cheguem ou ouvido qualquer noite à grade da porta e escutem. Os fantasmas triviais que assustam as crianças passam levemente por ela; e também esses outros fantasmas tétricos dos pesadelos, que sobem os degraus asmaticamente, queixando-se nas trevas, pálidos como nenhum outro fantasma, porque sempre trabalham de noite. Chegam ou vão, e repartem-se por todos os andares. Cochicham, tosse, arrastam os pés...

Isto não é nada agradável para um homem que perdeu a chave na escada desconhecida. Voltei à minha actividade e meti por um amplo espaço plano. As minhas mãos tocaram uma grade. Achei uma tranqueta... Tentei adivinhar onde me encontrava. Mas então ouvi umas fortes pisadas lá em baixo. Foram-se aproximando... Já estavam muito próximas, quando gritei:

— Quem vem lá?

O recém-chegado parou. Uma voz que parecia surgir da sola dos meus sapatos inquiriu tímidamente:

— Quem anda aí?

— E aí? — insisti com coragem.

Houve um silêncio. A voz souou outra vez:

— O senhor que faz?

— Extraviei-me.

— Hum! — duvidou o homem nas trevas.

Depois ouvi certo repetido ruído metálico e algumas blasfémias contra a inutilidade dos acendedores automáticos.

— Enfim — tornou a perguntar o homem, — o senhor onde está?

— Creio que estou à porta dum *chalet* rodeado de grades; mas não sei se me encon-

tro da parte de dentro ou da parte de fora. Dei com a tranqueta e não me atrevo a abrir.

— Será a cancela do elevador?

Calei um instante.

— Não — disse — porque os meus pés repositam num prado. Neste momento arranco punhados de erva seca.

— Parece-me — resmungou o desconhecido — que está a estragar o tapete da esposa do sr. Gonzalez. Não se ofenda por esta pergunta: Gosta de *cognac*?

— Não bebo.

— Então, o senhor é... ladrão? Fale com franqueza.

— Não; não sou ladrão. Posso-lhe affiançar... Suba descansado.

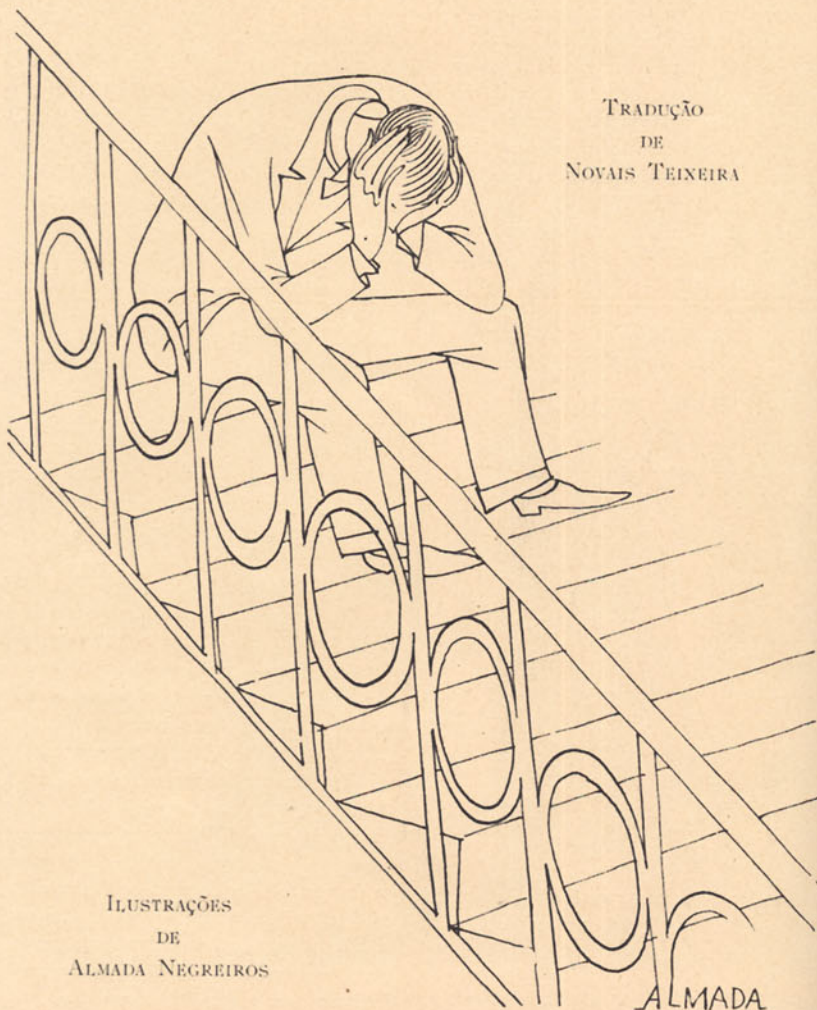
— Isso sobe êle! — exclamou.

Senti uns leves rangidos e compreendi que descia outra vez, nas pontas dos pés. Depois, o medo aguilhou-o certamente, porque desceu ruidoso, a grandes saltos...

Então sentei-me ao pé da grade e esperei pelo nascer do dia.

(De *Visiones de Neurasténia*)

TRADUÇÃO
DE
NOVAIS TEIXEIRA



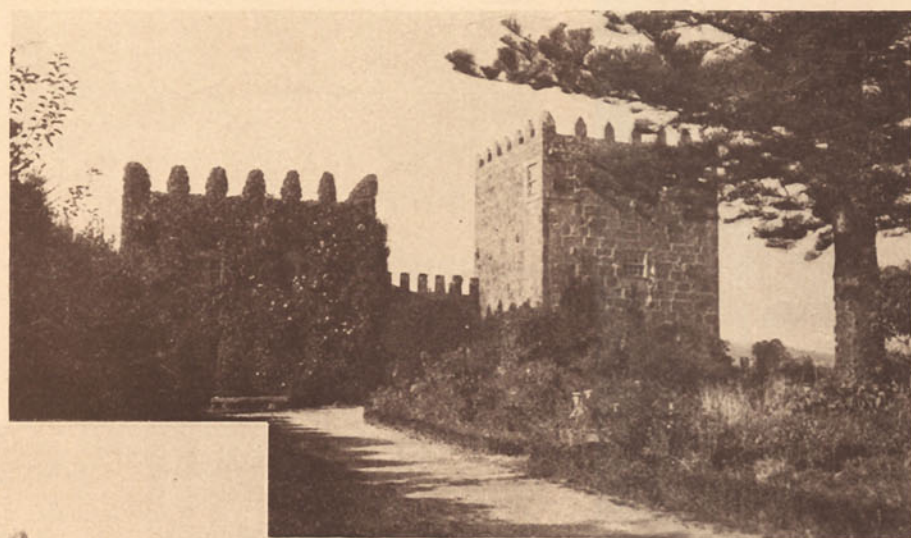
ILUSTRAÇÕES
DE
ALMADA NEGREIROS

VIBRIS, o massagista ideal de Paris, terá um "stand" no Salão da "Voga" onde se fará também tintura instantânea de cabelos, de novidade absoluta

A CASA PORTUGUESA

CASA DA TORRE LANHELAS — (MINHO)

PRIMITIVAMENTE SIMPLES TÔRRE DA ALTA IDADE MÉDIA, FOI EM TEMPOS DO REI D. MANUEL ACRESCENTADA POR UMA ALA QUE SE PROLONGA ATÉ O RIO, TERMINANDO NO TERRAÇO QUE DOMINA A VEIGA. NESTE MIRADOURO, POR ENTRE AS LAGES VÁRIAS VEZES SECLARES DO SEU PISO, IRROMPEM DUAS VETUSTAS LARAN-



JEIRAS QUE A TRADIÇÃO QUERE TENHAM SIDO PLANTADAS POR FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES. PERTENCEU ESTA CASA ACATELADA AOS VAZ BACELAR, E HOJE — TÔDA VESTIDA DE ROSEIRAS, FUCHSIAS E OUTRAS PLANTAS — CONSTITUI AINDA DELICIOSA MORADIA DO DESCENDENTE DAQUELA ILUSTRE FAMÍLIA, O SENHOR JOÃO DE SÁ PINTO DE ABREU SOTTO MAIOR.

(Fotos obtidas com uma máquina «Kodak» autográfica).



Uma porta antiga em Coimbra

Devo estar na mesma situação do que certos enamorados levados pela própria paixão a declarar-se, quando o bom senso não deixa, porém, de mostrar-lhes crua e francamente a distância que vai entre eles e o seu ídolo. Mas uma declaração de amor entranhado e vibrante, pobre embora de conhecimento de causa e de expressões, traz consigo sempre o seu perdão, e quicá um pouco de poesia e de communicatio entusiástica. E qual é a força que me leva a mim, leiga em conhecimentos de tradição lusa e da história portuguesa, a falar sobre paisagens e monumentos de Portugal?...

Assim, poucas e lóscas hão-de ser as citações históricas ou arquetónicas, raras e singelas as evocações lendárias. Venho como se os meus ouvidos quisi nada lvessem escutado salvo as falas e os cantos e os cantos da aragem, dos rios e do mar, e como se os meus olhos, desmedidamente abertos, povessem a terra, os mares e os céus de lendas quisi todas erguidas pelos próprios contornos, relêcos, movimento, e cor.

A TI, MINHA FORMOSA E FIDALGA COIMBRA

Tão rica de aspectos,
Todos senhoris,

Reasinhás da «Alta», cujo coração
é a Sé dos antigos, — Vellu sempre airosa;

A Universidade e sua-tôrre alta
Mirando Santa Clara-a-Nova, lá na outra banda,

O Penêdo da Saúde, imenso painel
onde a Fantasia fica àquem da Realidade;

O Seminário, a Tôrre de Anto, a casa de Maria
[Teles,

O jardim Botânico, e sua mata frondosa,
os arcos do jardim, e S. Sebastião sem as setas;

O hospital imenso, dominador,
escondendo sob o ridente fato branco
as febres, as úlceras,
e a feia tragédia do Teatro Anatómico.

Santa Cruz, o retiro de alamedas jesuíticas
onde pairam o siso e o gôzo dos estudantes;

PAISAGENS DE PORTUGAL

E a Igreja de Santa-Cruz também
a cobrir o que resta
dos primeiros reis de Portugal.

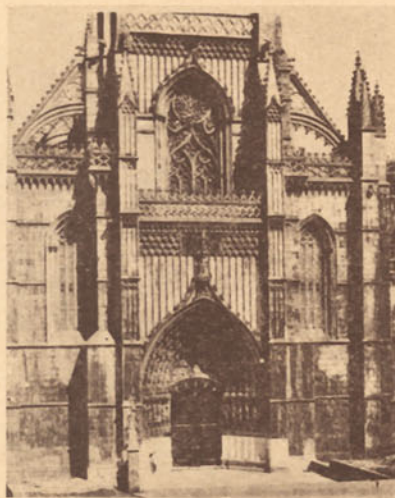
O choupal verde e ouro,

O Mondego rápido, límpido e alegre
rolando sobre um leito de areia branca e fina,
e a sua legião multicolor de lavadeiras;

A «Quinta das Lágrimas» e a «Fonte dos Amos»
[ress],
chorando sem cessar a saúde de Inês,

Os «Rsteios» de memória gloriosa e mais re-
[cente];

Semi soterrado,
o antigo mosteiro da Rainha Santa,



Mosteiro da Batalha — Póvoa

Cá encima, Santa Clara já mencionada
guardando na sua Igreja rica,
entre talhas douradas e grinaldas eléctricas
a urna em prata da Rainha Milagrosa...

Minha formosa e fidalga Coimbra
Tão rica de aspectos
Todos senhoris,

Trago-te assim inteirinha no meu peito,
feita de poesia aos retalhos,
e toda tu uma infinda poesia,

Ainda com os braços ávidos de mais formosura
a estenderem-se,
prendendo e retendo uma Natureza de Bógloga:

Num extremo a «Meditação», a «Melancolia»,
«Santo António dos Olivais» e seu Campo Santo
virados para o verde-negro do Bussaco.

Noutro, à beira do rio, a ondulante estrada
que conduz à beleza peregrina de Penacova,

Noutro ainda, depois de Santa Clara,
a chamada «Conraria», onde a luz se funde
como o sorriso duma Gioconda...

Coimbra, região minha bem-amada,
Terra imensamente suave,
Tão rica de aspectos
e de tradições,

Tu embalas, entonteces, fundes em ti
os meus sentidos.

E o espírito vai levado nas azas
dos teus crepúsculos e do teu luar
como num poema simfónico
de longas, espraçadas frases
cujo tema principal fôsse —
Encantamento.

A PRAIA E A VILA DA NAZARÉ

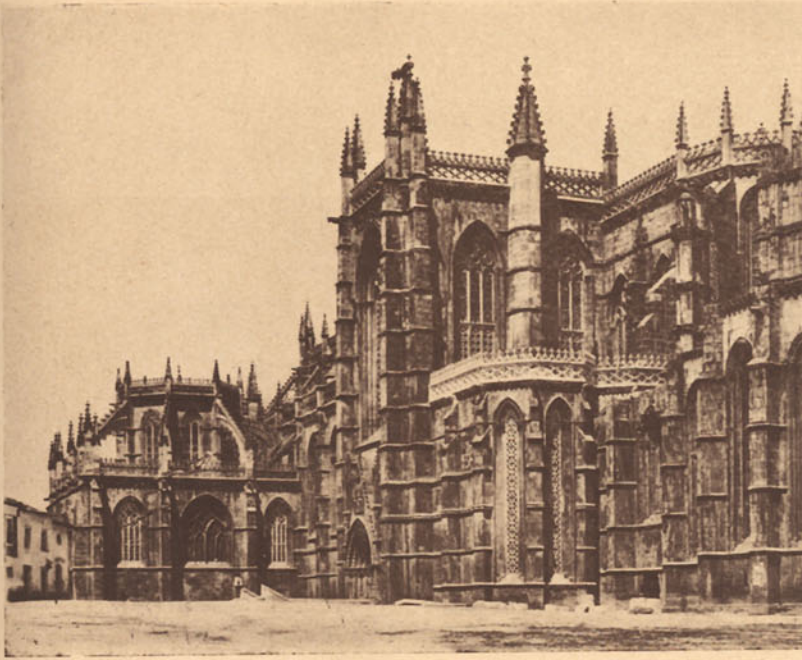
Um formigueiro de gente,
banhistas anónimos,
pescadores franzinos
vestidos de xadrés largo e boina de borla,
barracas de lona umas sobre as outras,
barcos içados, engenhos de pesca...
Nazaré!

Uma volta grande, sempre a subir,
até aos rochedos prodigiosamente equilibrados
a grande altura sobre o mar,
e então, maravilha das maravilhas!



Um aspecto do Castelo de Leiria

**No Salão da "Voga" estarão expostos os maravilhosos automóveis WILLYS-KNIGHT,
marca de fama mundial**



O Mosteiro da Batalha

As gentes, os barcos e as casas, lá em baixo,
microscópicas,

A amplitude da baía em recortes largos
perdendo-se na bruma,
a amplitude dos céus a debotar
sob a despedida do sol rubro que mergulha,
uma ave marítima, outra ave, a cortar o espaço,
sem temor,

E a amplitude do mar, ao longe verde claro,
verde esmeralda e translúcido perto da praia,
a luz sobre as rochas negras, a chamar,
a tentar os amantes da quimera,
— verdadeiro chão da gente Lusitana
que ali adomou, subjungon as Divindades,
e levon a Vitória para sempre viva!

O CASTELO DE LEIRIA,
RISONHO SENHOR DO RIO LIZ

Quanto lhe restará ainda da primitiva cêrea
erguida pelos cuidados de D. Afonso Henriques?
que fiquem os arqueólogos a discurrir...

Para quem gosta de «frisson»,
ainda existem espessas muralhas,
portas de ferragens poderosas,
tôres de ameias,

E um verdadeiro dédalo de construções enxer-
[tadas.

Mas a nota dominante é a graça,
O sorriso entre melancólico e malicioso.

Já a porta da capela
onde ia a Esposa de D. Diniz,
a Rainha Isabel, antes de monja,
pertence ao género de arquitectura
que inspira confiança, e não temor.

E entre tantas janelas de ogiva doce
falta só um rosto de pura feição,
dois olhos que acariciam,
uma mão que chama,
a dizer adeus...

E a leveza atinge o auge
na elegância do terraço
de onde se avista a cidade
em tons de límpida aguarela.

As colunas delgadas, (mais brancas todavia
desde que foram restauradas),
os motivos finos,
as curvas harmoniosas,
as proporções delicadas
formavam um ambiente requintado
para as tardes serenas, em que apetece-se apenas
— viver o presente.

BATALHA

Preclara virtude da humildade,
Deves tu imperar em tôda a alma cristã;

E, decerto, também te não renega Deus
nas obras primitivas, e nas modernas de origem
[pobre
onde o pão e o vinho são consagrados, trans-
[formados,
em corpo e sangue de Nosso Senhor...

Mas manda a Vida, mandam o instinto e o
[raciocínio
que a grandeza do amor ou da gratidão
se manifeste pela possível grandeza das obras.

Assim, D. João I, Senhor dum Portugal rico,
soube chamar a si artistas e artesanos
que imortalizassem o génio humano
no seu mais orgulhoso esplendor,
edificando o templo a Nossa Senhora da Vitória;

Em seguida erguiam-se o Claustro real,
a Capela do Fundador,
já mais demoradas foram abrindo azas
as Capelas Imperfeitas;

E o deslumbrante poema em pedra nos ficou,
englobado no sonoro e grandioso termo:
Batalha!

E ficou, tão perfeitamente belo
que se basta a si próprio,
sem fé em Cristo,
sem piedade para os homens,
sem reminiscências estranhas,
nem sugestões exteriores...

Não foi feita a Batalha como os castelos feudais,
ou como as capelas e os conventos ávidos de
[largos horizontes.
Não se avista de longe.

E antes uma súbita revelação,
a mostrar ao mesmo tempo do que o nobre
[recorte
os pormenores de escultura, os rendilhados,
a tão decantada tinta ocre de sua pedra;

E logo nos ocorre a nostalgia
em que vamos ficar ao deixá-la, —
pois tudo que é luz faz antevêr as trevas...

Embora não morra na memória
a alta nave onde o sonho sobe sem peias,
o claustro precioso,
a sala do capítulo semi-escuro,
célebre desde sempre pela arrojada arquitectura,
hoje santuário do Soldado Desconhecido...

E os jorros de luz a decompõem-se
em tonalidades verde e rosa
nas capelas inacabadas, sem cobertura...

Batalha, sinfonia silenciosa,
até ia a dizer que não faz mal
a ausência dos costumados órgãos.

A frieza do silêncio é apenas aparente:
os grandes desesperos podem ser mudos,

e também os beijos de paixão...

Outubro, 1928.

FRANCINE BENOIT.



No Castelo de Leiria — Aspecto das muralhas

Os mais luxuosos modelos de calçado a expôr no Salão da "Voga" serão os da SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CALÇADO ÉLITE, rei dos sapateiros

A ARTE E OS DOIS ULTIMOS MONUMENTOS DE TEIXEIRA LOPES



Uma das figuras do monumento aos Mortos da Guerra

Uma das últimas manhãs de Setembro, com um céu ametista, mascarado de saudosismo lusitano. Salto do eléctrico, dum destes eléctricos portuenses que lembram elefantes de madeira, e pergunto pelo escultor Teixeira Lopes. Estou no jardim da sua casa de Vila Nova de Gaia. Está menos garrido, com flores tristes, manchado por um verde indolente. Não é aquele jardim que eu conheci há um ano, cheio de alegria, borrifado por um dia de sol. Parece-me um lenço de rama-



Uma das estátuas do monumento aos Mortos da Grande Guerra a erguer no Norte da França

gens, próximo a desbotar, — próximo ao Outono.

Teixeira Lopes, dentro da manhã clara, branca, da sua bata, aparece, sorridente, ao alcance dos meus olhos. A sua cabeça, em que há gestos de profeta, é um medalhão artístico colocado sobre a pirâmide alva e pura do tecido em que se envolve. Começo a falar-lhe, naquele ambiente em que adejam murmúrios duma poesia de ternura religiosa, da permanente emoção de tranquilidade que se recebe ao atravessar a porta da sua casa. Confesso-lhe que, dentro dos seus muros, dentro do seu *atelier*, se encontra a paz redentora dum céu em que a Arte tem uma numerosa família de preces e obras.

Passamos sobre alguns centímetros do tapete de areia do seu melancólico jardim. Teixeira Lopes fala, a meu pedido, das suas últimas obras. Refere-se-lhes, porém, sómente na parte representativa. Não cita a feição espiritual que lhes deu. Não dispende uma só palavra para lhes apontar o drama anímico com que as envolveu. Conta-me, simplesmente, o motivo que as gerou, que porção de história e vida representam, e nome com que as baptizou.

Fico informado, numa curva da confissão deste mestre da estatuaría portuguesa, da melancolia que eu vejo, que eu encontro no rosto das flores do seu jardim. É que Teixeira Lopes está a preparar a sua partida para França. As suas flores sentem já saudades da ausência do seu amigo, dos olhares que todas as manhãs as afagam. Teixeira Lopes, olhando para os seus canteiros, com uma voz que é uma saudade, refere-se à causa, ao assunto que o arranca, dentro de poucos dias, ao mundo do seu querer artístico:

— Parto em breve para França, para La Couture, para preparar a colocação do meu monumento aos mortos da Grande Guerra.

— O mesmo de que expôs uma *maquette* no Ateneu Comercial do Porto?

— Sim. É a obra que há de recordar, em terra francesa, a heroicidade dos soldados de Portugal.

— Esse monumento é aguardado, certamente, pela França, com entusiasmo.

— Não me resta dúvida alguma sobre o interesse e carinho que esperam a minha



HARMONIA — Monumento à memória de Alfredo Keil

obra. A França não esquecer, não esquece a nossa colaboração durante o período trágico da sua última guerra. Recorda, constantemente, o nosso esforço, o nosso auxílio, com palavras rubricadas de fraternal emoção. Eu próprio, quando há meses fui escolher o local para a minha obra, tive ensejo de reconhecer a ternura e a admiração que iluminam todas as considerações que nos alcançam.

— Esse monumento, em que dia é inaugurado?

— Num dia histórico, num dia que não pode morrer na memória dos habitantes das nações que entraram em guerra: em 11 de Novembro! Foi o último dia de guerra e foi o primeiro dia de paz. E fica colocado num retalho de terra francesa que quasi nos pertence, pelo muito sangue lusitano que o ensopeou... La Couture foi, como sabe, uma das alturas do *front* português. Era uma aldeia e ficou transformada num mundo de ruínas. Principia, porém, a ressuscitar, num novo aspecto, com edifícios novos. O meu monumento será, por conseguinte a representação duma das nossas maiores páginas de história, colocada no seu verdadeiro lugar.

Estas palavras de Teixeira Lopes, proferidas em tom vagaroso e emocionante, são-me dirigidas ao entrar no seu *atelier*. Encontro, na minha frente, sobre cavaletes de diversas

Terá um "stand" no Salão da "Voga" a casa GRANDE BAZAR DO PORTO, LTD.,
representante dos magníficos gramofones "His Master's Voice"



O escultor Teixeira Lopes, no Jardim da sua casa de Vila Nova de Gaia, falando com o nosso camarada Guedes de Amorim

alturas e tamanhos, esboços, bustos, *maquettes* e estátuas de santos, de crianças e artistas. Estão espalhadas num aparente abandono sem preocupações exibicionistas. O seu autor explica-me a idade desses seus trabalhos. Aproxima-me das suas significações, das suas interpretações.

Começo, nesse momento, a compreender Teixeira Lopes como o escultor dos resignados e dos apaixonados da Beleza. O sonho, o anseio e os lamentos estremeçam nas suas obras. O seu escôpo é um arco de violino arrancando à pedra ou ao mármore rostos de bebês ou cabeças de homem. Um e outros murmuram lamentos ou aspirações. E, tem-se a impressão profunda, muito íntima, de que Teixeira Lopes esculpe, trabalha de joelhos, para que toda a sua obra tenha o sabor duma prece ou duma oração.

Para além da sala onde se agrupam diversas tentativas e esboços que passaram pelas mãos do autor de *Vieira*, entra-se na oficina dos seus milagres. Sempre que este artista termina um busto, uma estátua ou um monumento, — surge um milagre no vulto duma obra de arte. Entro na sala onde Teixeira Lopes estuda e modela os seus trabalhos. Recebo, nesse instante, a mais dominadora impressão de beleza de toda a minha vida. Os meus olhos, surpreendidos, extasiados, estão a abraçar um grande monumento, do qual se desprendem revoadas de sons. O artista, reparando no olhar de arrebatada admiração que eu lanço à sua obra, explica-me o destino a que a reserva:

— É o monumento com que Lisboa vai perpetuar a memória do compositor Alfredo Keil. Chama-se *Monumento à Harmonia*. Será colocado na Avenida, próximo à casa onde o artista nasceu.

Olho, demoradamente, para esse monumento ao autor de *D. Branca e Serrana*, e parece-me ouvir pedaços das suas obras, das suas óperas. É, realmente, toda a arte sinfónica de Keil que está nesse hino de estátuas, de formas, para ser consagrado. É, na verdade, um monumento lembrando uma ópera divina, de sons e movimentos sagrados.

Teixeira Lopes, numa voz de recolhimento, sem exibicionismos, confessa-me quanta ternura, quanto amor tem ligado a essas duas últimas obras. Compreendo, natural-

mente, o lado intimista que o obriga a referir-se-lhes com mais carinho. São os seus dois últimos filhos... São os filhos mais novos da vasta descendência do seu gênio de estatutuário. As suas recordações levam, conduzem, porém, o artista para aquele Paris que conheceu quando estudante. Fala-me dos seus professores e das primeiras exposições. Recordo os sonhos que se tornaram em realidades. Quando lhe falo de Rodin, Teixeira Lopes, revela-me algumas das suas *blagues* e intimidades. Contudo, revela-me com um meio sorriso, como se estivesse a folhear, numa cartela nostálgica, as anotações que pespontam o livro das suas memórias.

Há quasi meia hora, efecivamente, que Teixeira Lopes me anda a mostrar o livro aberto das suas memórias artísticas. O seu passado, os anos distantes das suas canseiras

e triunfos, estão espalhados, pelas paredes, estantes e cavaletes que povoam as três salas que constituem o romance das preciosidades que o escultor adquiriu ou preparou, e estão ligadas a uma hora ou a um dia da sua caminhada de artista. Aponta-me algumas suas obras conhecidas: *Abel e Caím*, numa deliciosa miniatura; a estátua à *Rainha Santa*, expressão de bondade e milagre; Uma cópia da obra com que Lisboa perpetuou Eça de Queirós. E medalhões, quadros, estatuetas que lhe lembram dias que a cavalgada dos minutos, do tempo, subverteu. Na última sala, emponda duma luz róxa que parece coada por um vitral medievo, o mestre da escultura em que palpita ou soluça a alma da Raça, apresenta-me a sua primeira estátua. Chama-se *Ofélia* e a sua figura é uma primavera de amor. Teixeira Lopes, informa-me com uma leve pena e ironia:

— Realizei-a em Paris. Gosta do nome que lhe dei? Olhe, tinha eu a sua idade. Não lhe parece que, nessa idade, todos nós temos a nossa *Ofélia*?...

Acho a opinião de Teixeira Lopes um comentário envolvido em graciosa literatura. Peço-lhe, porém, que ponha de lado o seu livro de memórias. Pergunto-lhe o que pensa da escultura do presente. O que pensa, por exemplo, das novas alas da estatutuária, que procuram a simplicidade primitivista ou a fixação das linhas mecânicas, e nas quais se salientam Zadkine e Chana Orloff? Teixeira Lopes fala-me, pelo contrário, da sua vida de recolhido à sua época. Não olha, não repara em escolas. Repara, simplesmente, nas épocas em que a Arte desfez os mais elevados vãos. Diz-me, contudo, que alguns dos seus discípulos são, hoje, nomes ligados, colados, a obras perfeitas, a grandes triunfos.

Quando pego no chapéu para me retirar, reparo de novo na miniatura do monumento aos Mortos da Grande Guerra. É uma síntese de Portugal, é um retrato da alma de Portugal que vai ser colocado no regaço da França. O mestre da estatutuária e seu sobrinho, o ilustre arquiteto António Júlio Teixeira Lopes, autores desse retrato, desse monumento, vão, em breve, prendê-lo ao coração francês. Ficará, pois, como a voz dos nossos mortos, como eco imortal do nosso esforço guerreiro.

GUEDES DE AMORIM.



Guedes de Amorim, nosso redactor no Porto, falando ao ilustre artista Teixeira Lopes, no seu atelier

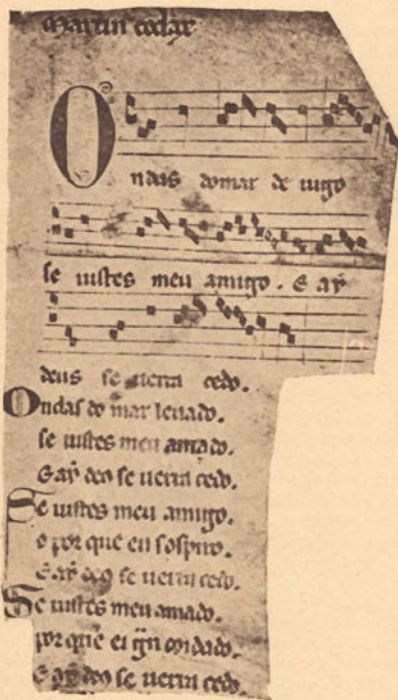
SIMÕES & C.ª LTD.ª, a maior fábrica de malhas finas da península, exporá no Salão da "Voga" os seus incomparáveis produtos

DA MÚSICA PORTUGUESA

“AS SETE CANTIGAS DE AMIGO,”

DE

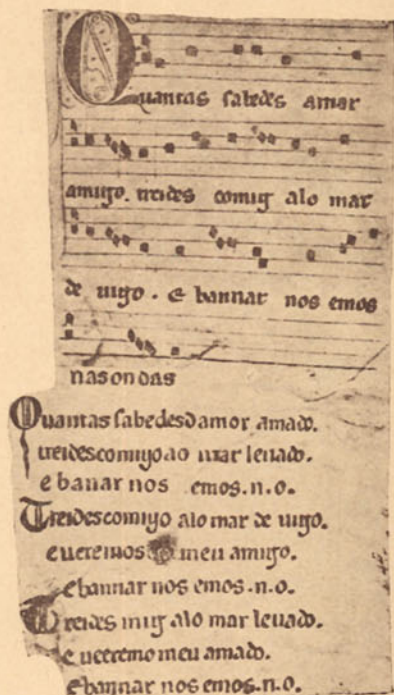
MARTIN CODAX



três que reproduzimos (a 1.ª, 2.ª e 3.ª), recordando também da publicação vindeliana, que possuímos.

Representam estas cantigas de Martin Codax, jogral provavelmente do período chamado *afonsino* (treinado de D. Afonso III), o único exemplo autêntico de música *profana* dos trovadores galaico-portugueses, pois como é sabido também, um grandioso monumento musical existe *ensoando*, porém, poesias religiosas na mesma linguagem — a música das 400 e tantas poesias do rei Afonso X o Sábio, de Castela (1252-1284) que se contém nos três magníficos códices toledano e escorialenses das *Cantigas de Santa Maria*, música sobre cuja origem e natureza o ilustre arabista da Universidade de Madrid, e não menos insigne musicólogo valenciano D. Julián Ribera y Tarrago, emitiu uma tese famosa (já incidentalmente contestada, em parte, entre nós, pelo malogrado Dr. António Sardinha), mas, que a confirmar-se, introduziria uma verdadeira revolução em toda a história da música europeia.

Da música das canções de Codax que está, como se pode verificar, em *pautas de cinco linhas* (1) e na notação *quadrada* embora já com certa proporcionalidade, além das ligaduras neumáticas, deu uma interpretação em notação moderna — e mesmo uma harmonização segundo o estilo do *folk-lore* musical da Galiza —



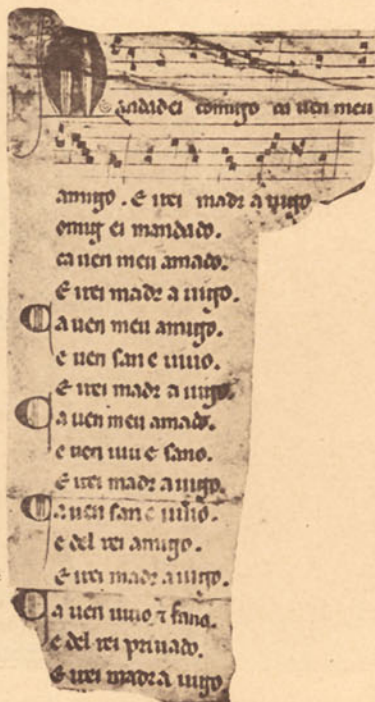
A poesia trovadoresca dos séculos XII a XIV na comum linguagem galaico-portuguesa consta, como é geralmente sabido, dos três *Cancioneiros* que até nós chegaram e que são designados pelos nomes de: *da Ajuda*, *da Vaticana* e *de Colocci-Brancuti*.

Mas em nenhum destes *Cancioneiros* de poesias profanas — *cantigas de amor*, *de amigo* e *de escórneo e maldizer*, segundo a divisão tradicionalmente adoptada — se encontra notada a música que *ensoava* essas cantigas, como sucede, por exemplo, nos *cancioneiros* franceses e provençais. Ser-se-ia mesmo inclinado, em face disto, a julgar que todas as canções trovadorescas galaico-portuguesas se teriam destinadas a ser apenas recitadas ou, quando muito, cantadas sem música própria, como por exemplo as quadras no género popular que se cantam com uma música qualquer, já em voga ou que depois se lhes adapta, — espécie de *passé-parlour* rítmico musical — se, em 1915, um benemérito livreiro antiquário de Madrid, o defunto Pedro Vindel, não tivesse dado à estampa em fototípia, um precioso pergaminho medieval que descobriu, servindo de capa grosseira a um *De Officiis* de Cícero!

Continua, de facto, esse precioso pergaminho, cuja reprodução se conservava até aqui inédita entre nós (sendo raríssima hoje a obrasiñta de Pedro Vindel, especialmente em Portugal, onde existirão talvez, quando muito, 2 ou 3 exemplares), as sete cantigas de amigo do jogral galego Martin Codax (de que, como poesia já se conheciam as lições dos *Cancioneiros* da Vaticana e de Colocci-Brancuti, e que podem ler-se na excelente edição recente das *Cantigas de Amigo* do douto professor da Faculdade de Letras de Lisboa, sr. dr. José Joaquim Nunes), porém, como se pode verificar acompanhadas de música, seis delas.

Devido ao precário estado do pergaminho, quasi ilegível nalguns pontos, irremediavelmente destruído nalguns outros, não é possível fazer ideia indubitável e integral senão da música de três dessas cantigas. São justamente as

(1) O facto poderá causar estranheza num manuscrito medieval. Note-se, porém, que o pentagrama é a regra nos manuscritos da música das *Cantigas de Santa Maria*, que são do séc. XIII, e só por excepção ali se encontram pautas de 4 e, também, de 6 linhas.



o sábio musicólogo galego sr. cónego D. Santiago Tafall y Abad.

Da música codaxiana foi em Março de 1923, pela ilustre artista Ex.^{ma} Sr.^a D. Sara da Mota Ferreira Marques numa «matinée» sobre *A poesia e a música em Portugal através dos séculos*, dada a primeira audição das cantigas 1.ª e 3.ª, numa versão *ad-libitum* sobre as interpretações do sábio musicólogo galego.

Finalmente, uma primeira audição integral e genuína destas autorizadas interpretações teve lugar com a colaboração do distinto maestro Herminio do Nascimento e de uma senhora então aluna do Conservatório, numa conferência que em Junho de 1923, áccera de *Trovadores e Jograis* realizou o sr. dr. J. J. Nunes, que embora simples musicófilo, fez assim a revelação desta música, o que nenhum dos nossos eminentes musicólogos e musicógrafos ainda fizera, justiça é dizer-se.

Não é positivamente uma lenda ou um mito a música ao longo da nossa história, mas sim uma das muitas realidades da nossa passada civilização que em geral se tem desconhecido, e por isso desprezado. Poncos são, de resto, os trabalhos que entre nós se tem destinado a pôr em evidência para o grande público a nossa ignorada riqueza musical, quando menos compilando as informações dos nossos eruditos musicólogos, e as notícias avulsas que andam perdidas por livros, revistas e jornais, da parte de investigadores pacientes, ou obscuros, e sintetizando todos esses elementos dispersos numa espécie de *Guia* para o estudo da história da música em Portugal. É sem dúvida uma lácula a preencher.

Precisamente, dum modestíssimo trabalho sistemático desta ordem em que estão empenhados os signatários destas linhas, se extraem as fotografias e notícias, que, em primeira mão esta *Ilustração* publica.

MARIA ANTONIETA LIMA CRUZ.

FRANCISCO FERNANDES LOPES.

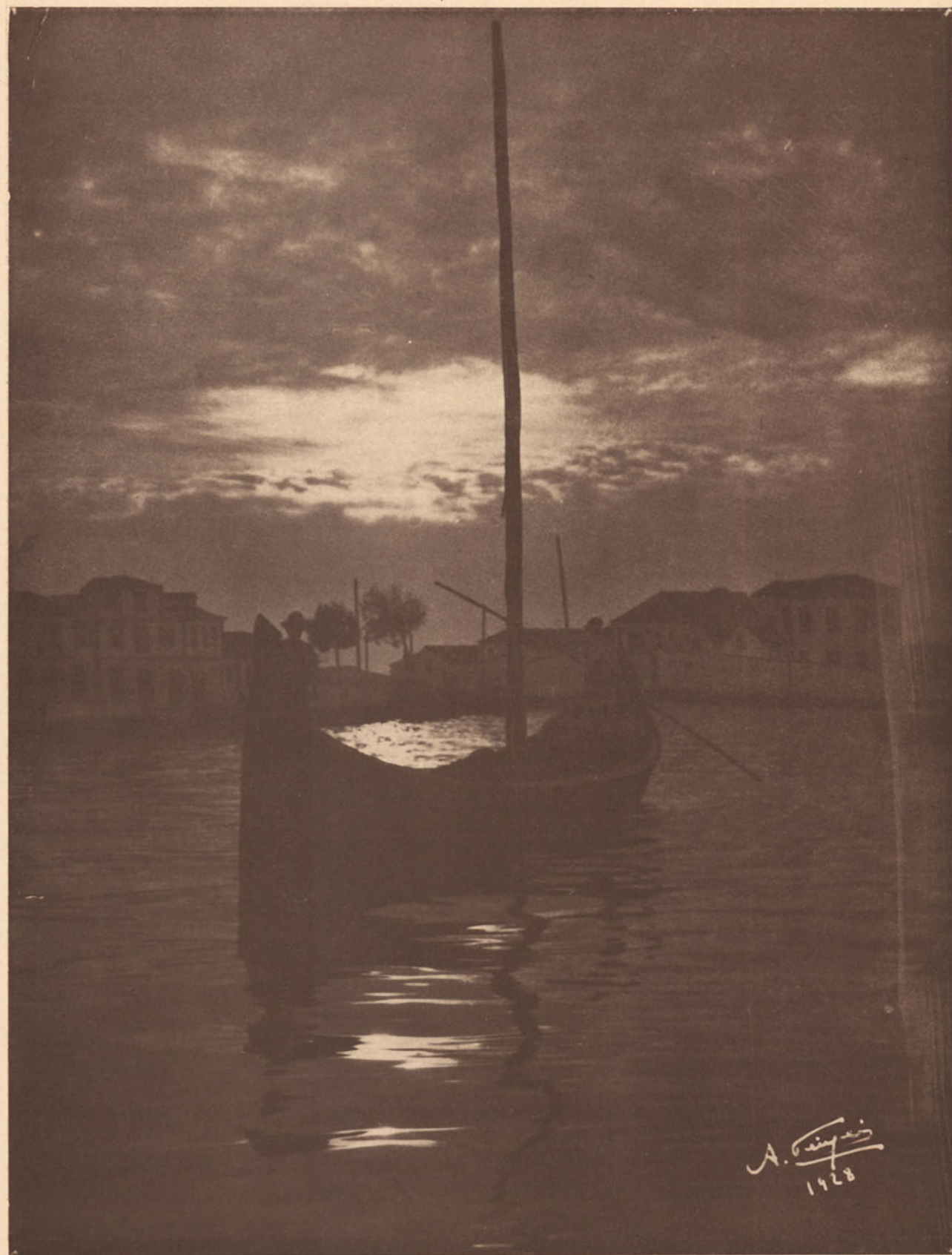
A SOCIEDADE PORTUGUESA DE CONSTRUÇÕES MECANICAS, LTD.* apresentará no Salão da "Voga" as suas elegantísimas mobílias metálicas de alta fantasia



BELEZA DA ARISTOCRACIA ESPANHOLA

A SEÑORITA ANGELITA BIAMONDE, FILHA DO ILUSTRE ESCRITOR DO MESMO APELIDO

(Foto de Walken (Madrid) exclusiva da *Ilustração*)



AMANHECER NA RIA DE AVEIRO

(Foto de António Teixeira, premiada na Exposição da Régua em Agosto passado).

NA CÔRTE DUCAL DE VILA VIÇOSA

A começar pelo duque D. Jaime, IV de Bragança, todos os outros duques que lhe sucederam, deram a Vila Viçosa, que foi Côrte Ducal e Cabeça de Marquesado o melhor dos seus carinhos.

A sua principesca vivenda adernaram-na do que de melhor havia em arte—e tanto é assim, que hoje mesmo quando a visitamos, a nossa alma fica extática perante tanta beleza e riqueza. Dentro daquele magestoso e imponente palácio, a arte é soberana.

Na Sala dos Tudescos, que mede 20 metros e oitenta por sete e sessenta, existe uma riquíssima colecção de armaduras, que estiveram na Sala dos Duques do Castelo, da mesma vila, antiga residência ducal, e que foram coleccionadas por el-rei D. Fernando, começando pela de D. Afonso Henriques, 1.º rei de Portugal.

Ao lado está uma peça de artilharia, oferta do rei Vitor Manuel a el-rei D. Luiz I, sendo toda ela em bronze e dum delicado trabalho. Tem gravadas as armas da casa de D. Jorge II, duque de Coimbra, o nome do duque D. Alvaro e a data de 1595. Foi encontrada na Itália. Ornamentam esta sala dois grandes bufetes, um dos quais assentava sobre um valioso tapete da Pérsia e diversas cadeiras de couro, pendendo do tecto um magnífico lustre de cristal. É ainda nesta mesma sala que se admira com verdadeiro embevecimento a galeria magnífica de 19 quadros a óleo, em tela, os quais, cada um tem por banda dois metros e quarenta, exceptuando os que ficam aos cantos da sala, que são um pouco mais pequenos.

O pano que revestiu a mesma sala, pagou, ao tempo, de direitos alfandegários a quantia de setecentos e cincoenta mil réis, por não haver nas pautas da Alfândega tabela em que estivesse classificado. A côr primitiva era dum castanho claro que foi substituída por outra mais escura, fazendo assim sobressair muito mais a galeria dos quadros.

O tecto da sala é de madeira dividido em caixotões, destacando-se de cada um dêles interessantíssimas telas representando tôdas elas, em tamanho natural, a descendência dos duques de Bragança, a começar pelo duque D. João I e do grande Condestável até a

A ARTE SOBERANA—UMA VALIOSA COLECÇÃO DE ARMAS—ATRAVÉS AS SUAS SALAS—A EVOCACÃO DUM TRÁGICO AMOR—O ÚLTIMO JANTAR DA CÔRTE EM 31 DE JANEIRO DE 1908

D. José, filho de D. Maria I, sendo as molduras tôdas douradas e ornamentadas a branco, vermelho e azul.

Além dêstes quadros há outros que representam muitas alegorias à obra de D. João V, atribuindo-se tôdas estas pinturas aos grandes pintores francezes que estiveram ao serviço do grande Rei, como Quillard, Quind Mard e Luiguer.

Há num caixotão, em pintura, um retrato do pequenino duque D. João, belo trabalho que passa por ser de Vandycck, sendo esta obra de grande primor, devido à sua execução. Merece especial referência uma outra pintura que representa D. Maria Bárbara, de pé, vestindo de branco e azul com o seu King-Charles ao colo e segurando com a mão direita o pequenino D. Pedro, ainda de sáias.

Mais adiante, noutro, mostra-se a figura excelsa de D. Nuno Álvares Pereira, que está vestido de armadura, segurando na mão direita a Acha de Armas e apoia a esquerda numa larga faixa de sêda de côr vermelha.

Há outras diversas telas, que começam em D. João I, que é o formoso quadro que dá princípio à formosa galeria, seguindo-se: D. Nuno Álvares Pereira, D. Afonso I, duque de Bragança e sua esposa a duquesa D. Brites Pereira; D. Fernando II; D. Jaime; D. Teodósio I; D. João I; D. Teodósio II; D. João II, que foi rei de Portugal e IV de nome; D. Teodosio, filho de D. João IV, que não chegou a reinar; D. Afonso IV; D. Pedro II; D. Isabel, filha de D. Pedro II, que morreu criança; D. João, filho também de D. Pedro II, que faleceu de tenra idade; D. João V; D. Maria Bárbara e D. Pedro, filhos de D. João V.

Ainda neste lindo museu, em que a arte é

sempre magnífica, há mais um belo retrato do príncipe D. Luís Filipe, ainda criança, pintado por Malhóa, e outro do príncipe D. José, filho de D. Maria I.

Por uma porta, segue-se a Sala das *Virtudes*—denominada assim por ter nos caixotões do tecto figuras representando as sete virtudes. Existe nesta sala um piano de Herard. Nesta sala é que D. Luís, como distinto amador e insigne executante de violoncelo, que era, costumava dar os seus concertos quando estava na Côrte Ducal em Vila Viçosa.

A seguir a Sala Hércules—assim chamada por ter no tecto pintado em grande tamanho, «Hércules», sufocando o Leão da selva da «Nemea», e bem assim por ter representados os trabalhos por êle passados e ordenados por seu irmão Euryten, rei de Nyceneas, factos êstes bem conhecidos pelos que tenham estudado os mitos helênicos. Ao lado a Sala de *Bilhares*—cujas paredes são embelezadas de fazendas da mesma qualidade da Sala dos Duques, mas sem relêvos.

Noutros tempos pendiam das janelas, ricos panos de Arráz e a mobília era de carvalho e as cadeiras de Moscóvia. Segue-se a Sala das *Armas*, que guarda, em armeiros, armas de tôdas as épocas, e a espingarda com que D. Carlos caçava, na sua predilecta Tapada Real.

Depois temos a Sala da *Música*, onde a guarnição é de cantoneiras de carvalho, levantadas em colunas torneadas e as paredes revestidas de cretones com paisagens. Segue-se a de *Jantar*, que dá para um terraço superior a outro jardim—que era onde tocava a banda, quando as pessoas reais estavam à mesa. É iluminada por três lustres, um imitando o estido dum que fôra desenhado pelo oficial

Os chás elegantes e o bufete do Salão da “Voga” serão servidos pela PASTELARIA FERRARI, tocando a maravilhosa “Voga Melody Band”

da armada, Possolo. No tecto admiram-se magnificas pinturas, representando a do centro a Aurora rompendo as trevas e a do fundo, Neptuno, saído das águas do mar. Antes desta sala ficam diversos quartos e dois gabinetes, todos êles muito ricos.

A seguir a Sala da *Medusa*, hoje Sala do *Baile*. Lembra o primitivo nome, que era *Medusa*, uma das três Gorgonas, filha de Cero e do Deus marinho Phoscus. Neptuno, cativado dos seus encantos, amou-a no templo de Minerva, sendo a esta Deusa, por tal sacrilégio, transformados em serpentes os cabelos que eram de côr de oiro, e ficou sua cabeça com a faculdade de converter em pedra aqueles que lhe tocassem. Persen, munido das asas de Mercúrio, cortou a cabeça de Medusa, fazendo com que, do sangue brotado pelo corte, pudesse nascer o cavallo Pegaso, que batendo com a pata no chão fêz brotar dêle a fonte de Hippocrene.

Não deixa de ser interessante a descrição destes quadros alegóricos, sendo a Sala composta de mais outros quadros todos êles interessantes e pintados pelo famoso pintor Quillard. As paredes desta sala possuem também adorno de estôfo igual ao da Sala dos Duques, exceptuando a côr, que o desta é menos escuro. Foi nesta Sala que se effectuou a abertura duma exposição agrícola e industrial, sendo o seu iniciador o ao tempo, ainda, príncipe D. Carlos, duque de Bragança.

Quando em tempos esta Côrte era visitada pela familia real, era também visitado um quarto, que tem o nome de D. Jaime. Esta casa é ladrilhada, tendo ao centro um pequeno pòço e uma figura arrumada numa espécie de altar na parede da frente. Diz-se que representa o duque D. Jaime.

Na última visita que fizemos ao Paço Ducal, aquele quarto fez-nos evocar tôda esta sanguinária tragédia.

Por momentos fixámos o pòço, onde diz a tradição que o duque, penitenciando-se da morte que deu à duquesa, se metia — o que

não é admissível e até mesmo ridiculo pela sua irrisória ingenuidade. Concentrando mais o nosso pensamento, sôbre aquelas relíquias, testemunho dum grande amor, parece-nos ver ao lado, debaixo dum rico docel, sentada numa cadeira de trono, franjada de oiro, uma mulher. A sala está guarnecida com panos de Flandres, alguns dêles representando pecejas nos sertões africanos.

Em braseiros de fino cobre, ardem dentro

fatalidade matou cruelmente... é a duquesa D. Leonor.

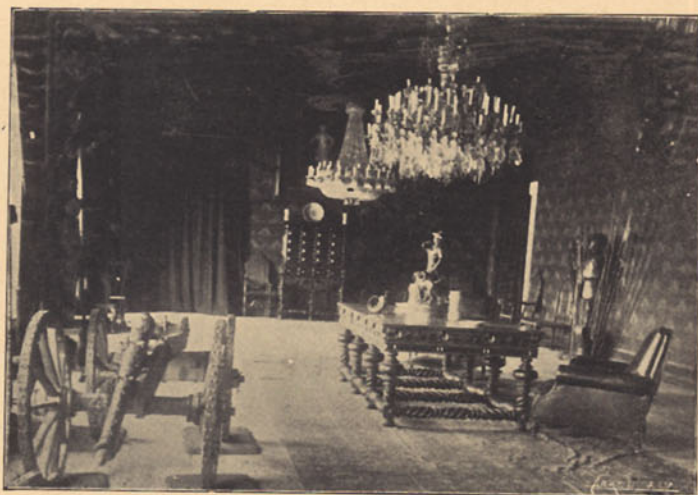
Depois de mortos ainda os juntam — é quando já os seus corpos inanimados esperam o Destino, rodeia-nos as figuras graves de quem as fêz perder.

Ao lado, o duque D. Jaime, chispante, nervoso, faz levantar o auto do succedido aos escrivães e notários da sua real casa.

Cá fora, no largo, a populaça passa desaperecebida — e essa manhã lúgubre é anunciada com toques de finados. Começava a despontar a manhã de 1 de Novembro de 1512 — dia consagrado aos mortos...

Voltamos à casa de Jantar, que mede vinte metros e oitenta por oito de largura.

Foi aqui, nesta formosa sala, que se serviu o último jantar da côrte a el-rei D. Carlos e ao príncipe D. Luís Filipe, a 31 de Janeiro de 1908, pois a 1 de Fevereiro eram mortos a



A sala dos Duques no Palácio Real de Vila Viçosa

de caçoilas pastilhas e essências olorosas. A figura humana que o nosso sonho deixa perceber, é linda como a mais linda rosa. Veste cota de veludo negro barrado de setim preto com perfíles de tafetá amarello, tendo também a sobressair um sainho de veludo negro com cinto de setim alecnado. A seus pés está um jóvem pagem de joelhos, vestido de gibão prateado, com meias mangas e colar e pontas de veludo rôxo. As calças são vermelhas com borzegins pretos. O saio que lhe cai até aos joelhos também é preto. A anta é de couro com guarnições em prata. Está cantando sentimentais trovas, acompanhadas de doces harpejos da citara. A entoação dolente que se escuta faz-nos advinhar que dentro daquele peito se consome uma eterna paixão. Dos olhares que se cruzam, irradiam resplandecentemente carinhosas canções de amor, e muito à distância sentimos em frémittos de angústia, o desmoronar de todo aquele sincero amor.

Já a cabecita do moço pagem, António Alcoforado, jaz vertendo sangue a um canto do aposento e quasi junto está também a Deusa dos seus acrisolados sonhos, que uma

tiro, quando desembarcavam na capital, vindos de Vila Viçosa.

O *menú* do jantar, é curioso que se arquivé :

Potage Saint Hubert
Cherne sauce câpres
Pièce de boeuf nature
Poulets à la Villeroy
Canards nantais sauvages rotis
Artichauts sauce au beurre
Gâteau moka
Glacé à l'orange.

Actualmente a sede da Côrte Ducal, perdeu o aformoseamento e estilo que se dá a algumas salas do palácio, por ser ali junta grande quantidade de mobília vinda dos paços reais de Lisboa.

Não possuindo hoje a formosura daquela riqueza que outrora gosou, possui no entanto ainda muito para admirar. Bem digna é de maior contemplação para aqueles que penetrem as paredes a analisem conscienciosamente o que ali há de grandeza e o que a sua história cheia de verdades e surpresas nos relata.

ALBINO LAPA.

TATA, "chapeliers en vogue", Rua de S. Nicolau, serão triunfadores no Salão da "Voga"

do cravo do jazz-band
por Fernando de Amplo
dezenhos de Rodolfo

a João de Sousa Fonseca

Os salões antigos são, para nossos olhos sem lunetas, lindas gravuras de cores — de cores já mortas — encaixilhadas em pau, e marfim, e ouro velho. Os salões antigos são, para nossas pupilas, nuas, sem binóculo, aristocráticas figuras cheias de esbelta, decorando o lógo de um jarrão, enriquecendo mais uma porcelana rica. Eles parecem-nos, de facto, a nós, filhos de uma idade eléctrica e vermelha, reminiscências de poeirento medalhão ou projecções de alcafitá centenária. Ou ainda, semelham almoçadas caras, preciosas, com bordaduras de fina seda, em que agulhas finas hão pintado heráldicos marquês de estilo Pompadour...

Nós vemos os salões antigos através do cristal dessas montras que dormem nos museus. Tem êles a fisionomia de velhas telas, manchadas de sombra e de patina. Sôb a luz mortuária dos cêrios e das tochas, sôb a tinta esmaecida dos altos candelabros, há saias de balão e cabelos empoados, calções, bofes de renda e casacas de setim. Pontificam *lorgnons* impertinentes, com aros de metal a faiscarem. O protocolo das vénias, dos cumprimentos amáveis, graciosos, enroupa de sedas a perfídia. A atmosfera é de requinte, de elegância estilizada. Ao fundo, um cravo de pau santo desferre músicas fidalgas. Os pares volteiam, donairosos, nos minútes e pavanas. Um perfume estranho, de violetas, e de jasmim, embalsama as danças. E, só na penumbra das janelas e balcões, os marquês, gracejando, mordiscam de beijos finos o colo das marquêsas...

— O amor é como as rosas... — lhe diz êle, com maquiavélico sorriso.

E ela murmura, com sorriso triste: — E cada beijo... uma pétala queimada! Assim vemos nós os salões de antanho, numa visão dourada, que, sem ser talvez fiel, se tornou contido lapidar. Essa imagem — para mente psicológica — tirou quiçá seus pergaminhos do Palácio de Rambouillet ou do tinteiro de preciosas tintas de Madalena de Sundry.



Mas os salões antigos são apenas lindas gravuras de lindas cores. Porque cristalizaram, porque se fizeram estáticos como o indo-europeu, e o grego, e o romano, — como as línguas e os idiomas mortos.

Den-se a evolução, o mistério fundo das metamorfoses. Através do século passado, lentamente, paulatinamente, os salões transformaram-se, mudaram de alma e de vestido. E, no seu acaso, nos seus lustros derradeiros, accentuou-se, vincon-se mais a linha evolutiva. Resta só saber se a crisálida florin, se se tornou em borboleta, — ou se, pelo contrário, a borboleta feneceu e lhe caíram as pétalas das asas... Mas, em tal problema, somos nós incompetentes: carregemos da lupa milagrosa, capaz de decidir...

O século XX coroou a transmutação. Repintou-a, retoçou-a, com o mórbido prazer dos cocaïnômanos, ao retocarem, repintarem seus mentirosos pomares de sonhos... E assim nasceram os salões modernos, do parto sangrento, dramático, da Guerra. São êles bizarro fruto da nevrose, da febre delirante, em que se queima e se embebeda a nossa Idade. São irmãos gémeos da loucura das máquinas, — dessas máquinas ruidosas e candentes, que o fogo modelou, que o fogo anima, impelle, e que o fogo matará.

Os salões modernos modernizaram tudo. As altas cabeleiras, os tocados montanhosos sofreram a acção da guilhotina, a higiénica ceifa das tesouras e navalhas, e deram lugar, audaciosamente, aos penteados curtiños, lambidos, como usam os rapazes que abusam de cosméticos. As saias de balão subiram, levantaram vôo, como autênticos balões; e detiveram-se apenas, em sua ascensão veloz, onde, milênios antes, descêra, pudibunda, a folha castíssima da parra. Ao fidalgo cravo, gracioso e fino como um braço minúsculo, sucedeu a pianola, sucedeu o microfone; às notas senhoris de empoados, rendilhados minútes, substituiu-se o jovial inferno, cheio de faiscas e de guinchos, que o jazz-band concebeu.

O salão antigo e o salão moderno tiveram, por certo, os dois, a mesma mãe. Chama-se ela a vida, a ânsia de viver. O salão antigo e o salão moderno devem vir, porém, de pais diferentes. O primeiro é talvez um mitológico donzel, cortesão, espadachim e cantador de serenatas. O outro, o sátiro hodierno, usa porventura o realengo nome de Diôniso.

Os salões modernos são novos templos, orgãos, pagãos, em que eternamente se joga o carnaval, em que o carnaval é o manipanso.

Os acordes estridentes da música moderna fendeu o espaço — e, como que emanados das mãos de feiticeiros, doninam, embriagam, magnetizam... Dir-se-ia morfina volatizada a bailar, oculta, na luz dos candelabros, no calor do ambiente... E tudo sente, e tudo pensa, e tudo fala sôb o ritmo do jazz... E o jazz passa no ar,

como um fanto capripede, recoberto de tatuagens, coroado de penas, estuante de vida selvática e vermelha. E o carnaval do som.

Os vestidos delas — escala cromática infinita — são uma nova Torre de Babel, em que os mil idiomas da cor se cruzam, se misturam, se confundem... E as casacas dêles, negras, muito negras, fazem lembrar domínios, esgulos domínios, a esconder, a mascarar os tons rubros das artérias, e das veias, e do vinho alcoólico do sangue... E o carnaval da cor.

E, à balhenta voz do jazz, êles e elas, enlacados, rolopam sem cessar — e, quais gramofones da atitude, vão traduzindo em figuras plásticas o que o disco das músicas ordena. E o *one-step*, é o *fox*, é o tango — a melopéia do tango, dolente e vagarosa... E é ainda o *charleston*, — êsse *charleston* ruidoso, extravagante, que pretende ser, na dança, o embaixador extraordinário do cubismo. E os pares, que nos salões circulam, semelham entes mecânicos, manejaos arbitrariamente pelo dínamo poderôso das orquestras, — e giram sempre, sempre, sem cessar, num turbilhão de loucura, de infinita embriaguês... E o carnaval do movimento, das linhas instáveis, que ondulam, se distendem, se transformam...

Elas trazem sôbre a alma a máscara de veludo pequenina de sua vaidade imofensiva, de suas liberdades artificiais e pedantescas; êles ostentam enfaticamente o grande nariz de papélio dos gracejos e piadas, das frases de sentido oculto mas de largo decote audacioso... As serpentinhas dos olhares riscam o espaço; tocam, ali, num vestido verde ou escarlata;



além, numas mãos esguias, que esmeraldas iluminam como focos; mais além, numos olhos prêtos, encaixilhados em artísticas pinturas; e vão perder-se no infinito parlo das mamãs, das mamãs pardas e tristes. Há serpentinhas de tôdas as cores: há-as vermelhas, incendiárias, que assustam as ingénuas; há-as azul-celêste, partidas de olhos poetas, sonhadores; há-as também brancas, muito brancas, quasi platónicas, quasi imateriais... Depois, êles atacam-nos com os papelinhos profusos, multicôres, de indigestos galanteios; e elas defendem-se, respondem com as bisnagas modernistas, com o fim, frêscio éter do chulo de salão... E, por fim, os pós do rir, da gargalhada, espalham-se no ar, penetram nas glotes, contagiam tudo e todos...

— O meu coração é um jazz-band! — lhe diz êle entusiasmado. Faz berreiro, escabeche, gritaria... Faz dançar, faz dar à perna os outros corações.

E ela responde, em saborôso, em opíparo calão:

— Você é um bôlha, um tipo perigosíssimo... Porque o seu coração toca sempre novas músicas... E cada música, que passa, é mais um *flirt* que bateu a bota...

E, no fim das noites, os salões modernos dir-se-iam a morte impenitente do entrudo, a esbracajar, com furiosa febre, na quarta-feira de cinzas de manhã...

COLUMBIA, a grande marca de gramofones e discos, apresentará no Salão da "Voga" o seu Electrofone Kolster

A INGLATERRA GOSTA DOS DÉSPOTAS?...

S. Magestade o Rei Amanullah do Afeganistão, depois de gloriosamente ter resplandecido em Inglaterra durante três semanas de banquetes e festas rijas, encaminhou seus passos para Moscovia, acompanhado por sua esposa — toda ela muito Rue de la Paix nas suas custosas peles e vestidos suntuosos — e seguido também pelos seus ajudantes, ministros, polícia especial, numeroso séquito, vinte toneladas de bagagem e quinze chapéus altos, rigorosamente Bond Street.

Houve, é bem de ver, alguns momentos embaraçosos. Por ocasião da brilhante parada que foi o banquete no Buckingham Palace, Sua Magestade perfilou-se, e encurtamento o dispensou chefe, na persuasão de que, sob tantos galões vermelhos e dourados, por força se ocultaria um alto personagem. Beijou também a mão duma das aias da Rainha, o que, vamos lá, também não constituiu pequena quebra de etiqueta!...

Mas, a coorte de dirigentes dos negócios do Império britânico esfrega as mãos de contentamento e felicita-se a si própria pelo êxito da visita do Rei dos afgãos.

A coisa custou um pouco caro mas Londres tinha de ofuscar Moscovia porque, os cabos e outros meios de comunicação havia já semanas que zumbiam telegramas sobre telegramas, descrevendo o suntuoso estádio com que os bolchevistas se preparavam para receber o primeiro rei que os ia visitar desde que eles haviam fuzilado aquele que lá tinham.

Nenhuma realza europeia obtivera tamanha e tão obsequiosa publicidade, um tão atraente programa, desde os tempos áureos de antes da guerra, quando os Reis ainda eram reis. Porque, é um triste, um arripiante facto o constatar que, desde a desapareição dos autocráticos Habsburgos e Hohenzollerns, detentores da coroa imperial, a Inglaterra tomou um interesse polido e formal pelas realzaes de meia tijela deixadas na Europa pelo turbilhão da grande guerra!...

Os reis pelos quais a Grã-Bretanha se interessa a valer, dum modo íntimo e pessoal, têm as suas côrtes e palácios a sul e a este de Suez, e governam países nos quais, a pesar de a etiqueta real ser tão reduzida como a culinária franciscana, ainda alguma coisa existe que se impõe à consideração dos círculos palacianos...

Mencionemos o frágil e astuto árabe Faiçal, Rei do Irak por graça da imperial Grã-Bretanha; o seu — mais robusto mas um pouco menos magnífico — irmão, Rei da vizinha Transjordânia por graça da mesma Grã-Bretanha imperial; Rizza Khan, Rei da Pérsia por graça de Rizza Khan e desapontamento de marca maior pelo que toca a bases aéreas ao longo do Golfo Pérsico; o barbadão rei dos Wahabitas, senhor da maior parte da Arábia, cujas intenções precisas — presentemente causadoras de muita perturbação para os ministérios ingleses dos Estrangeiros, Colónias, Guerra e Aeronáutica — ficam veladas pela decente obscuridade do deserto; e o supracitado Amanullah, que faz quanto lhe dá na gana, acompanhado nos seus propósitos por um ministério composto de seus apainhados, e governa com mão de ferro o

selvagem estado pára-choques que se estende entre a Índia Inglesa e a Rússia Vermelha.

Todos êstes homens são reis à donrada maneira antiga. O que eles dizem lá nos seus domínios, cumpre-se. Quando o Rei diz: «Dança», o país inteiro poderá resmungar, o facto, porém, é que dança. Porque é uma coisa por demais verificada por comentaradores argutos que a última guerra, trazendo o crepúsculo dos reis na Europa, pôs em inteira luz os do Extremo e Médio Oriente.

Alguns dos Reis dessas regiões devem a si próprios o êxito, é certo, mas outros galgaram a escada, geralmente com uma espingarda alemã ou inglesa nas mãos: o respeito real pela tradição no Oriente é bem de ver que não vai até à escolha das armas a empregar...

E, para a Inglaterra, é uma sombria — e infelizmente, também, vamos lá! — é uma sombria e infortunada constatação isto de os membros detentores do direito divino dos reis mentirem sempre que se trate das comunicações principais da Grã-Bretanha com a Índia e Oriente, sem excluir também a Austrália e o Pacífico.

Todo aquele que não conheça o democrático respeito da Inglaterra pelos precários príncipes do deserto e a real reverência que ela mostra sempre por um poventino potentado — que ainda come com os dedos mas é senhor absoluto de dois milhões de almas e duma fronteira al-



O rei Amanullah e a rainha Soraya do Afeganistão, quando da sua estada em Londres

cantilada — esse poderá consultar um mapa e de preferência um daqueles que é costume utilizar nos ministérios da guerra quando se estudam os sistemas de comunicação que tornam o império britânico um ser vivo.

Esse mapa indicará tudo e mais isto, por exemplo: as linhas aéreas já existentes e futuras. Não faltará lá a indicação da relativa vulnerabilidade de fronteiras — como a montanhosa linha noroeste da Índia com o famoso desfiladeiro de Kyler — e as mil léguas fronteiriças do Irak, o Estado que os tempos de paz fizeram surgir.

Mas, revertendo do geral para o particular, vejamos Sua Magestade Rizza Khan, senhor da Pérsia. Os ingleses eram perfeitamente felizes quando os persas tinham como Rei um rechonchudo e moço Shah, cuja paixão mais dominadora era Paris, Nice e as mais representativas criaturas do *demi-monde*. Fácil lhe era então manejar à sua vontade um governo dividido entre si. Mas, quando Rizza Khan, o Kemal

Pachá da Pérsia, ousado guerreiro e voluntário diplomata, se apoderou do poder e se coronou a si próprio, Shah, de harmonia com as devidas e velhas fórmulas, começaram de novo as inquietações da Grã-Bretanha.

Nos primeiros e generosos impulsos o novo Shah prometeu à Bretanha conceder-lhe as bases aéreas que ela desejasse no Golfo Pérsico para extensão das suas linhas, do este do Egito até à Índia e, eventualmente, até à Austrália — ou seja o grande caminho aéreo indicado por Allan Cobham no seu hidroplano gigantesco e Bert Hinkler no seu minúsculo monoplane dum só lugar.

Mas a Rússia tem uma linha aérea por dentro da Pérsia, vinda do norte por via Baku... E a Rússia trabalha de acôrdo com a Alemanha para o desenvolvimento financeiro e técnico dos seus caminhos aéreos. Dêste modo, o rei da Pérsia, vendo que havia dois compradores e um só camelo para vender — aqui o camelo era, é claro, a mercadoria *bases aéreas*! — entrou em ajustes com ambos os pretendentes e acabou por vender a quem lhe parecia dar mais vantagens, ou seja, o grupo germano-russo.

Foi isto o ano passado. Os sindicatos germano-russos, depois de terem aberto uma grande estrada de Moscovia a Teheran, prontamente fizeram uma ligação com o Golfo, em Bushire; e uma outra a este até à fronteira, em Kasr-i-Shirui, a cem milhas de Bagdad, capital do Irak, aonde domina o Rei Faiçal, proibido pelo mandato britânico de dar facilidades aéreas a outras linhas que não fossem as inglesas...

Mas, o tratado entre a Grã-Bretanha e o Irak expira em 1930 — ano em que muito bem pode existir já um outro rei em Bagdad, rei êsse dominado pela obsessão muito oriental de pôr preço aos seus favores...

Os chefes da aeronáutica britânica precisam das bases em questão e o facto é que contavam com elas. De modo que, explodiram quando aquele matreiro Rei dos Persas lhes pregou o logro que sabemos, e logo apelarum para o governo que lhes notificou que ia ver o que era possível fazer.

Mas Rizza Khan não é tão fácil de roer como se poderá imaginar. Possui um excelente exército de 200.000 homens bem armados, disciplinados e equipados. E a Inglaterra terá, pois, de falar em dinheiro, benefícios e garantias...

Depois, — como se Rizza Khan, a este da Arábia Inglesa, não fosse ainda bastante, — surgiu o Rei dos Wahabitas, a oeste das mesmas terras... E a Inglaterra sabe bem o que significam ali as perturbações: trata-se sempre dum subsídio ou coisa que o valha... A Inglaterra deu, pois, o subsídio desejado. De resto, havia dois milhões de dollars a distribuir... Vai daí, os ingleses, abarbados com Faiçal, Hussein, Laurence e os turcos, pagaram a Ibn Sand, senhor dos perigosos sítios de Nedj, na Arábia central, 300.000 dollars por um ano de sossêgo, para assim, enquanto a guerra esbravejava de Meca até Damasco, conservar livre o flanco das suas vitais comunicações marítimas entre o Oceano Indico e o Mediterrâneo.

Ibn Sand, descendente daquele velho guerreiro do mesmo nome que, haverá uns duzentos anos, tomara a cidade de Meca — mas tôra afinal atraido pela borda fora pelo sultão da Turquia, naqueles tempos sempre pronto para entrar em acção como defensor da fé, — Ibn Sand, como nós fomos dizendo, pegou então no dinheiro recebido e começou a armar a sua guerreira tribo de puritanos do Deserto. Logo que o subsídio parou, Ibn Sand retirou-se para a sua tenda a fim de af rezar e buscar a luz.

O resultado das suas meditações viu-se. A sua alma decidiu não se deixar por mais tempo pungir pela ideia de haver na Arábia homens e monarcas que ministravam nas suas orações o nome do Profeta e o dos santos do Islão, em vez de rezarem a Allah, como usam fazer os austeros Wahabitas.

Donde suceder Ibn Sand cingir os rins e lançar a sua tribo — juntamente com outras dos seus inumeráveis amigos do Deserto, — contra o Rei Hussein do Hedjaz, pai de Faiçal, Grande

COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA — Que exporá no Salão da "Voga"
os seus artefactos de finíssimo vidro, orgulho da indústria nacional



O Emir Faïçal, do Irak

Sheriffe de Meca e detentor dos Lugares Santos. A Inglaterra bem desejava intervir para salvar os seus amigos Hussein e Faïçal, que não queriam ver a península em poder do emigração Napoleão do Islamismo.

Mas os contribuintes ingleses estavam já fartos de dar dinheiro para guerras: surgiu um governo trabalhista e Hussein não teve outro remédio senão contar consigo próprio para o caso duma baralha guerreira. O resultado da pugna foi Hussein safar-se pelo Mar Vermelho, levando com ele as barras do tesouro, bem ateadas com uns quinze milhões de dollars: uma parte dos subsídios britânicos tinha-a ele poucado escrupulosamente para si... E a Inglaterra, vendo o último rei a não e salvo na Riviera, encarou o caso com toda a filosofia, encetou negociações com o senhor dum novo reino que cobria dois terços da Península Árabe e que apenas estava impedido pelos aeroplanos e carros blindados da Inglaterra de outra expansão qualquer nos mandatos britânicos Irak e Transjordânia, agora governados pelos filhos de Hussein...

De posse dos Lugares Sagrados, o Rei dos Wahabitas, chamou a si a mais lucrativa fonte de receitas da Arábia. Expoliar os peregrinos fora a occupação principal dos successivos senhores de Meca desde que Mahomet teimosamente fizera da velha cidade misteriosa a sede e santuário da nova fé, af pelo ano 629 — o ano oitavo da cronologia maometana — e empuzara todos os crentes a irem lá em peregrinação... Ibn Sand começou desde então a comprar em abundância armas, munições, telégrafos de campanha, automóveis e camelos. Os técnicos militares ingleses afirmam que devem andar por 100.000 os homens de guerra de que ele dispõe, todos eles armados e cheios de fanatismo.

Desde 1925 que lhe não faltam matérias explosivas e no ano passado essas matérias deixaram a sonolência em que as haviam mergulhado para entrar em franca actividade. E o caso é que, em Março último, o Rei do Wahabi convocou uma conferência dos chefes das tribus suas aliadas, no palácio de Nejd: como resultado de tal conferência surgiu a proclamação da guerra santa contra os árabes dissidentes do Irak e outros Estados da mesma raça sob a protecção da Grã-Bretanha.

É claro que, conseguindo Ibn Sand a protecção da fronteira inglesa, facilmente poderia abrir caminho para Bagdad, capital dos domínios do Rei Faïçal, com a mesma facilidade com que uma faca abre um queijo: uma vez isso conseguido, atiraria ao ar com todos os belos planos da Grã-Bretanha, pelo que respecta à salvaguarda das terras e das communicações marítimas com o Este. Os telégrafos militares tiveram, pois, um trabalho doido; houve uma expedição aérea até ao Cairo, base aeronáutica mais prática para reforçar a fronteira do Irak; houve movimento de tropas para os portos do

oeste da Índia; um aprontar afadigado para qualquer expedição pelo Golfo Pérsico até ao Irak; e um chuveiro bastante curioso de ordens para as fábricas de armas, encarregando-as de conseguir a última novidade em matéria de bombas aéreas.

A causa ostensiva da Guerra Santa é hoje a mesma que já antes alegára Ibn Sand ao pôr-se à testa das tribus que marchavam sobre Meca: a intolerância religiosa. Mas a verdadeira causa do conflito está em que, o rei dos Wahabitas, para continuar em boas relações de amizade com os ingleses, põe como condição coiza que o Império britânico está longe de desejar conceder...

A Grã-Bretanha sente-se já aborrecida... E sendo as guerras dispendiosas, especialmente quando elas tomam a forma de perseguição aérea e em carros blindados, subindo e descendo uma fronteira vulnerável em muitas centenas de milhas, e a contos com poderosas guerrilhas! — os agentes britânicos preferiram entabular uma sossegada conversa com os agentes do Rei do Wahabi, e desta forma a Guerra Santa por enquanto não passa duma proclamação, não tendo ainda rebentado contra as fronteiras do mandato britânico sobre as terras da Arábia.

Vê-se, pois, pelo que diz respeito a Faïçal, Hussein, Ibn Sand e diversos outros monarcas bastante precários do Deserto, que as realidades da noite árabe têm custado uma continha caída lá ao pobre e velha Inglaterra.

E pôdo de parte o Rei Fuad, do Egipto, que coça desesperadamente a cabeça lá pelos jardins do seu palácio sem saber que remédio pode dar às complexidades criadas por um parlamento nacionalista — parlamento este forjado à maneira europeia, presente, segundo se diz, vindo da Inglaterra, e que o monarca não é dos primeiros a apreciar! — voltemos ao Rei Amanullah do Afghanistan.

O Rei do Afghanistan era ainda Emir aqui há um ano quando, de repente, se lembrou de imitar os colegas, tomando o título de Rei. O caminho do trono ficou aberto para ele desde que o pai foi assassinado em 1919. Amanullah tinha um rival, mas, como quem dispõe do exército dispõe do reino, o Príncipe Amanullah caiu na proporção de quatro contra um sobre o seu rival e tornou-se Emir. Imediatamente celebrou o seu advento ao trono declarando guerra à Índia. Mas a fronteira de noroeste é uma barreira um tanto difícil e a máquina britânica está sempre pronta e capaz de colocar os invasores em mans lençois. E assim, embora a Rússia — generosamente abrisse a sua bolsa a favor do Emir, — tivesse gostado imenso de que qualquer coisa de importante se passasse, nada sucedeu, contudo, de importante, e pouco tempo demorou a paz a celebrar-se.

A Índia empenhava-se mesmo em que o bastante sanguinário monarca dos afgões visitasse a corte de Saint James e foi até a mesma Índia que se encarregou de grande parte das despesas de S. Magestade. Berlin recebeu-o, por seu turno, suntuosamente, verificando mais tarde, quando ele se foi embora, que a maior parte das compras de S. Magestade na capital consistia em alguns postais ilustrados de Potsdam. Paris também gastou muito com a recepção, mas recuperou tudo de novo por via das modistas, joalheiros e peleiros. Londres gastou mais do que todas as outras capitais, mas tem a alta esperança de tirar rendosos proventos das suas despesas.

A custa de todos os sacrificios, a Inglaterra procurou evitar que S. Magestade prestasse ovidios a Moscovia. E como os chefes vermelhos não podem proporcionar a S. Magestade do Afghanistan nada comparável ao espectáculo de imperial esplendor das Guardas Reais, das esquadilhas aéreas, do régio banquete servido na famosa baixela de ouro, do Lord Mayor e da Mansion House em festa, e da imponente linha de formidáveis navios de guerra (com os monstruosos canhões vomitando salvas e destruindo alvos a seis milhas de distancia) é de crer que o hábil diplomata Sir Francis Humphreys, ministro da Grã-Bretanha em Kabul, não tenha dificuldade, daqui para o futuro, em garantir as relações amigáveis entre a Grã-Bretanha e o selvagem Estado que serve de pára-choques entre a Rússia soviética e a Índia Inglesa.

Pelo menos, é assim que os chefes ingleses vêem o caso. E as despesas da diversão oferecida ao Rei Amanullah, da imobilização do Rei dos Wahabitas, do financiamento do Rei Faïçal do Irak e seu irmão da Transjordânia; do apaziguamento do Rei da Pérsia, e dos esforços para ajudar o Rei do Egipto a ter uma agradável e gordurosa vida em palácio — tais despesas são consideradas pelos ditos chefes como das mais exiguas que se têm feito.

Quando se possui um império que comporta 450 milhões de almas e abraça todo o planeta, as despesas têm de ser um pouco pesadas: o cuidado para com os reis é uma das mais importantes e necessárias garantias e custa caro. Mas as guerras — especialmente quando se trata de guerras de fronteiras e de deserto — essas podem ser ainda muito mais dispendiosas...

Em todo o caso o alto preço dos Reis é no actual momento para a Inglaterra uma grande massada — mesmo uma das maiores massadas do mundo!...

C. D. ELLIS GOWER.

(Exclusivo para a Ilustração, de Anglo-American N. S. Copyright).



Rei Fuad do Egipto, um dos despotas que a Inglaterra estima

A CASA CHINESA — da Rua do Ouro — a melhor casa de chás, cafés e porcelanas orientais, concorre ao Salão da "Voga"

O AMOR DELES

LEVER DE RIDEAU



Chá das cinco, no salão luxuoso dum restaurante chic. Jazz, toilettes provocantes. Pelo ar nuvens de fumo, onde há perfumes acres de charuto caro e essências suaves de cigarros de luxo.

No acaso da rua, Alfredo e Mário, um escritor, outro jornalista, encontraram Margarida, que no nosso acanhado mundanismo se impõe, pelo seu espírito e pela sua vontade coraçada contra os amores fáceis.

Estão agora os três sentados a uma mesa, tomando coisas que não se parecem nada com chá.

Mário é um tipo folgazão, um quasi nada sentimental. Alfredo, concentrado e muito tímido, não coloca uma frase em toda a tarde, limitando-se a comentar com um sorriso ou um olhar.

MARGARIDA—Mário, que faria você, ontem, parado a uma esquina da rua da Rosa? Parece que o achei embaraçado, quando eu passei e você me cumprimentou.

MÁRIO—Estava a fazer horas, para falar ao meu namôro, que passa por ali perto.

MARGARIDA—Namôro? Mas você é casado!

MÁRIO—E então, que tem isso?

ALFREDO sorri.

MARGARIDA—O que tem? Isso é que é descaramento. Que um homem casado tenha uma amante, vá! Pode fazer isso discretamente, com todas as cautelas. Mas assim, abertamente, derriçar da rua para a janela é

um pouco forte. Qualquer que o conheça, pode passar e fazer mexericos em casa.

ALFREDO olha os dois, interessado na contenda, tira uma fumaça e espera a continuação, sempre sem dizer palavra.

MÁRIO, com o olhar azul, faiscante de malícia—Mas quem lhe disse que eu estava ali para tomar gargarejos? Eu estava mas era à espera que saísse o editor responsável para eu entrar. É uma amiguinha que eu tenho há meses e que me levou anos a conquistar.

MARGARIDA—Tartufo! Enganar assim aquela santa que lá tem em casa.

ALFREDO olha Mário, curioso das suas sensações.

MÁRIO—As mulheres são extraordinárias. Ainda há pouco era melhor ter amante que namôro. Agora mudaram os ventos. Prêso, por ter cão, prêso, por não o ter. Vocês são impagáveis de inconsciência.

MARGARIDA—Há coisas que se dizem, mas não se sentem, só para fazer espírito. Eu sempre fui contra as mulheres que se metem com homens casados. Há tanto rapaz solteiro.

ALFREDO, que é um solteirão incorrigível, começa a interessar-se por Margarida.

MÁRIO—Por isso você nunca perdeu a cabeça de nenhum marido...

MARGARIDA—E não! E olhe que podia talvez ter sido mais feliz se não tivesse êsses escrúpulos.

ALFREDO compõe a gravata e catira-se a Margarida, com olhares cubiçosos.

MÁRIO—Ora, deixe-se de moralidades, que não ficam bem numa boca tão bonita, que é só feita para o pecado. Ainda eu a hei de conquistar a você.

MARGARIDA—Não me parece. Ao tempo que você anda atrás de mim...

ALFREDO inquieto-se na cadeira e tem chispas de ciúme no olhar.

MÁRIO—Se eu fôsse homem de atração, já você tinha caído.

MARGARIDA—Estava servido. Eu detesto êsse gênero de homens.

ALFREDO rejubila com a sua timidez, que o torna um candidato aos favores de Margarida.

MÁRIO—Ora! Todas as mulheres têm o seu quarto de hora.

MARGARIDA, que não perde nunca o ensejo para uma ferroada—Pois sim. Mas o que vale a algumas mulheres é que nesse quarto de hora não está ninguém ao pé delas.

ALFREDO gosa imenso com êste dito.

MÁRIO, rindo—Não tem dúvida, eu sei esperar. Sou duma paciência de beneditino. Esta que eu tenho agora levou-me cinco anos a vencer. Outra foram três, outra dois...

MARGARIDA, lezianamente—Ó homem, nesse andar, se você chega a conquistar-me, já estará velho e não vale a pena.

MÁRIO—Vê? Você admite já a probabilidade de ficar vencida. Parece-me que é meio caminho andado.

ALFREDO não se sente bem. Tem um sorriso amarelo.

MARGARIDA, caído em si—Isto são modos de dizer. Nem você era homem para mim. É um materialão. Quando vê uma mulher, pensa logo em tolices. Não é capaz de idealizar uma hora de amor.

ALFREDO olha Margarida com olhos de carneiro mal morto, que êle julga espiritualizados.

MÁRIO—Ora essa! Eu ando anos atrás duma mulher e não sei espiritualisar? É claro que depois, «na hora própria», como se dizia numa revista de mestre Schwalbach, nós caímos na materialidade pura, se me é permitido êste paradoxo.

MARGARIDA—Sim, você quer dizer materialidade simples, sem mistura de um lampejo espiritual. Passe o paradoxo. Mas é triste, é profundamente triste.

ALFREDO tem os olhos mais carneiros moribundos do que nunca.

MÁRIO—Mas somos todos assim, Margarida. E essa queda no materialismo é instintiva.

MARGARIDA—É a besta que está dentro de nós que afirma a sua força. Se as mulheres pensassem...

MÁRIO—Mas é que a gente não as deixa pensar, senão estamos arranjados.

MARGARIDA—Você é um grande maroto. Fosse olhos azuis o dizem. *Prenez garde aux yeux bleus...*

MÁRIO—São falsos? Não creia nisso. Eu sei amar como ninguém. E olhe que meu pai diz-me sempre: «Não as deixes pensar». E êle foi um felizardo com mulheres.

MARGARIDA—Tal pai, tal filho. Basta de palavriado. Vou-me embora.

ALFREDO olha eloqüentemente para Mário e dá-lhe uma cotovelada quasi imperceptível.

MÁRIO, compreendendo—Margarida, deixe-me apresentar-lhe o meu amigo Alfredo Saavedra, que você deve conhecer dos jornais, onde êle publica as suas historietas.

MARGARIDA—Ah! tenho imenso prazer. Gosto imenso de tudo que escreve. Tem alma, tem idealismo...

MÁRIO—Aqui onde o vê vai casar com uma rapariga lindíssima.

MARGARIDA, sempre espirituosa—«Mejorando lo presente», como dizem os espanhóis.

MÁRIO—Não desfazendo... esqueceu-me. Você é terrível. Mas não é verdade, estou brincando. Isto é um celibatário inveterado. Se quiser, amanhã estamos aqui à mesma hora.

ALFREDO olha Margarida ternamente, como pedindo-lhe que volte.

MARGARIDA, reconhecida à sua homenagem muda.—É possível...

Apertos de mão.

PARO.

MERCEDES BLASCO.

As COMPANHIAS REUNIDAS DO GAZ E ELECTRICIDADE terão no Salão da "Voga" uma maravilhosa cosinha ideal a gaz



Passatempo



Onde estão os três bôbos d'este monarca antigo?

斷 斷

Sonhou um homem que via um ovo atado na ponta do seu cobertor. Consultou a um agoureiro, que lhe disse por interpretação: que naquele lugar onde dormia estava escondido dinheiro.

Cavou o homem e achou ouro e prata. Desta, deu por prêmio ao adivinhador uma pouca parte, o qual, aceitando-a meio alegre, meio triste, disse, aludindo ao ouro:

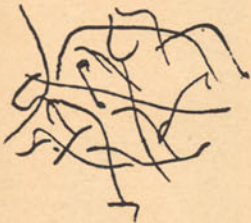
— E da gema, não há nada?

斷 斷

UMA EMBRULHADA DE GARATUJAS

(Problema)

De garatujas e não de outra coisa, podem qualificar-se os traços de pena que, confusos e emaranhados, se vêem aqui junto, porém não creiam que eles estejam traçados a capricho. Oculta-se ali alguma coisa e êsse



alguma coisa vê-se, separando pacientemente uns traços de outros e reunindo-os de novo, porém de maneira que se não cruzem, mas sim que se vão unindo pelos extremos.

O melhor modo de fazer isto é decalcar as garatujas num papel, separadas, e depois reuni-las como cada um tiver por conveniente. A figura resultante será um animal, muito bem desenhado, e bastante conhecido.

Estando um cavalheiro num café a escrever uma carta, percebeu que um indivíduo que se achava em pé atrás d'ele, lhe estava lendo o que êle dizia; e fingindo que o não via, concluiu a carta por estas palavras:

«Não posso continuar porque tenho por detraz de mim um mal-criado que se está divertindo a lêr o que te escrevo».

— Mal-criado é você, exclamou o homem que estava espreitando; para que mente, se eu nem para lá olhava!

斷 斷

A um marido avaro diz a esposa gasteira:

— Meu amor! Esta noite sonhei que me tinhas dado aqueles cem mil réis que te pedi para os sapatos...

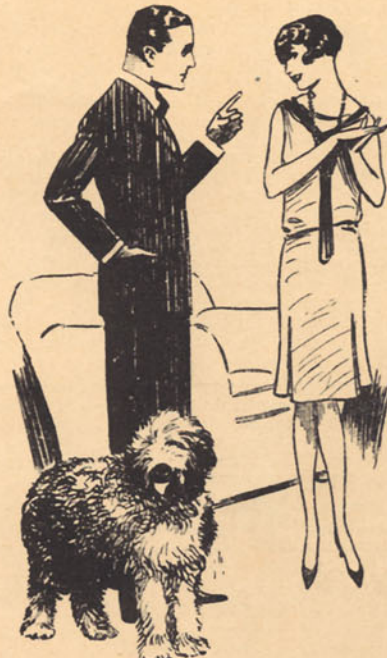
— Cem mil réis?... A modo que vais abusando um bocadinho!... Mas, enfim... já agora guarda-os, filha, guarda-os!...

斷 斷

Dionísio, rei da Sicília, depois de expulso do reino, veio a cair em pobreza tal que, para poder sustentar-se, abriu em Corinto uma escola de meninos.

Preguntou-lhe alguém por zombaria (se êle era rei destronado!) de que lhe servia a filosofia de Platão, de que era prosélito, ao que êle respondeu:

— Serve-me para tolerar agora com paciência a minha grande mudança de fortuna.



— Já te disse que um cão de guarda deve estar fóra de casa, no quintal.
— Ó filho! e se não o roubam?

SILHUETAS

(Solução)



斷 斷

Um siciliano voltava de Nápoles para a sua pátria, trazendo no barco uma carregação de figos.

Sobrevém um naufrágio, perdem-se os figos e o barco, e o siciliano a custo se consegue salvar.

Um dia, lindo dia de um verão italiano, estava êle sentado à beira-mar. O Mediterraneo espreguiçava indolentemente as suas vagas azues e ria com os seus lábios de espuma, dourados pelo esplendor do sol meridional. Parecia convidar o barqueiro a tentar nova viagem.

— Bem sei o que tu queres — murmurou o siciliano, contemplando a azulada imensidade: queres mais figos!

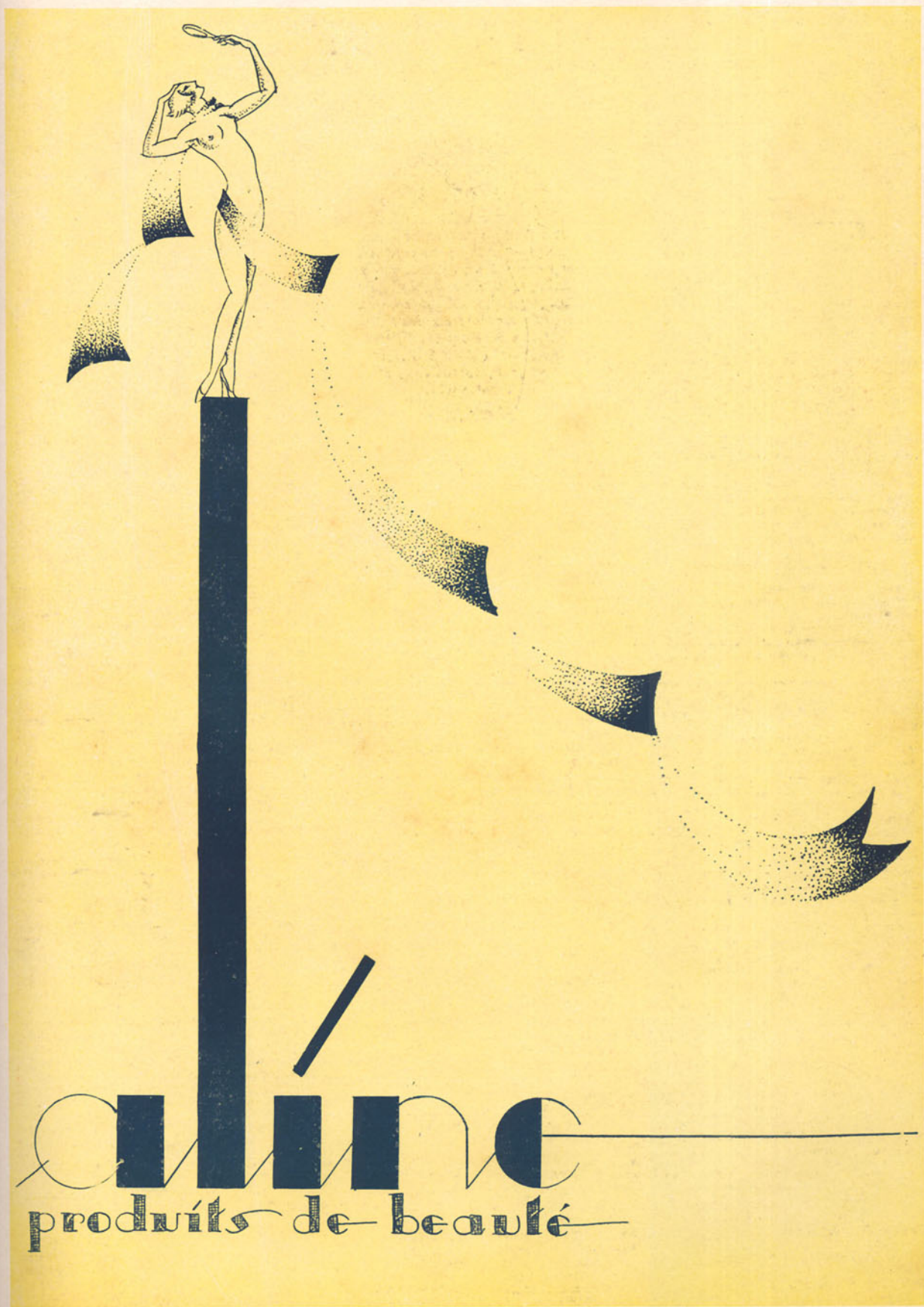
斷 斷

ILUSÃO ÓPTICA

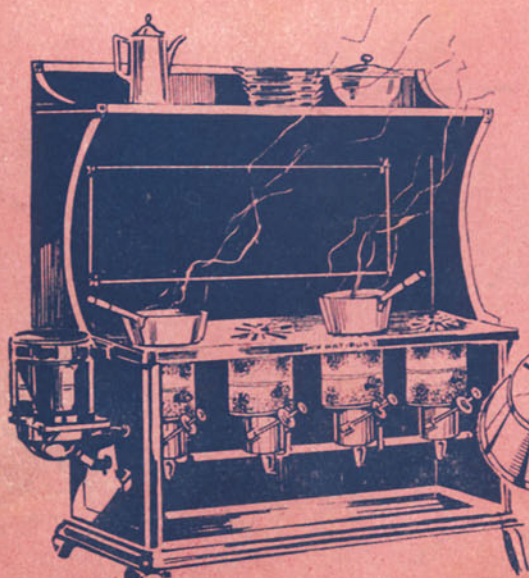
Estas duas figuras são absolutamente iguais, e podem sobrepôr-se perfeitamente.



No entanto, olhando para elas, ninguém dirá semelhante coisa. A de baixo parece muito maior.



• Ressurreição, Lda. - R.S. Paula, 55-3º - Agente em Portugal e Colónias •



Nem uma ponta de fuligem!

**FOGÃO
PURITAN
cômodo
asseado
economico**

V. Ex.^a pode adquirir hoje mesmo um Fogão Puritan. Damos-lhe um prazo de 6 meses para o pagar por completo. Venha vê-los ao nosso Salão do Rocio.

A venda na
Vacuum Oil Company

Rocio, 67 Tel. N 3075 e nas suas Agencias

